

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Maria Eduarda Marcelino

O futebol além das quatro linhas: a utilização do esporte como instrumento de política interna e externa pelas ditaduras militares no Brasil e na Argentina

Florianópolis

2022

Maria Eduarda Marcelino

O futebol além das quatro linhas: a utilização do esporte como instrumento de política interna e externa pelas ditaduras militares no Brasil e na Argentina

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Relações Internacionais do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais
Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Marcelino, Maria Eduarda

O futebol além das quatro linhas: : a utilização do esporte como instrumento de política interna e externa pelas ditaduras militares no Brasil e na Argentina / Maria Eduarda Marcelino ; orientador, Márcio Roberto Voigt, 2022.

55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Relações Internacionais. 3. Futebol. 4. Política Interna e Externa. 5. Ditaduras militares. I. Voigt, Márcio Roberto . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

Maria Eduarda Marcelino

O futebol além das quatro linhas: a utilização do esporte como instrumento de política interna e externa pelas ditaduras militares no Brasil e na Argentina

Florianópolis, 19 de julho de 2022.

O presente trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt
Orientador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Daniel Ricardo Castelan
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Me. Thiago Santini Breda
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Certifico que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão de curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por mim e pelos demais membros da banca.



Documento assinado digitalmente
MARCIO ROBERTO VOIGT
Data: 27/07/2022 13:33:39-0300
CPF: 579.645.999-68
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt
Orientador(a)

Florianópolis, 2022

Este trabalho é dedicado aos meus pais, a minha irmã, a
familiares e queridos amigos.

AGRADECIMENTOS

Diversas vezes durante a escrita deste trabalho me vi pensativa quanto a tudo que vivi, dentro e fora da universidade, e que me trouxeram a mais um fechamento de ciclo, e fui tomada muitas vezes pela emoção. Acredito que mesmo que o processo de escrita seja, na sua maior parte, solitário por trás de tantas palavras, existem muitas pessoas que foram essenciais para que esse trabalho chegasse ao fim, as quais eu não poderia deixar de expressar os meus agradecimentos.

Não poderia deixar de primeiramente agradecer aos meus pais, a eles sou eternamente grata por terem me incentivado a seguir no caminho da educação, e alcançar um grau de estudo que não puderam ter. À minha mãe Rosana, agradeço por ter me ensinado a ser uma mulher forte, independente e determinada. Ao meu pai Gilberto, sou grata por ter me ensinado a lutar e ir em busca das minhas ambições, agradeço também por ter dividido comigo a paixão pelo futebol, que hoje é parte tão grande de quem sou. Pai e mãe, à vocês sou grata por sempre terem incentivado meus sonhos, me apoiando nos meus voos, mesmo que isso me levasse para bem longe de casa. Obrigada por todo esforço, toda dedicação e todo amor a mim dedicados em todos os anos da minha vida, e os amo e sou eternamente grata.

Agradeço a minha irmã Kamilly, por ter chegado na minha vida tão pequena e ter ocupado um espaço tão grande no meu coração. Obrigada por me fazer rir quando eu menos espero, por ter tanta paciência comigo, por me apoiar em tudo e por ser minha parceira de vida. Muito obrigada também aos meus avós por todo amor e cuidado, à minha tia e ao meu tio, por todo amor e apoio nos estudos.

Durante os longos anos de UFSC cultivei algumas amizades que hoje ocupam grande espaço no meu coração, e fizeram dos meus anos de graduação um caminho mais leve e mais divertido. Manu, obrigada por ter ficado e ter se tornado minha parceira de vida, sou grata pelas horas compartilhadas na fila do semi-direto, as horas de estudos juntas, pelas histórias e risadas. Sonara, agradeço por ter me mostrado a leveza com que tu levas a vida, obrigada pelas caipirinhas e risadas que partilhamos. Lari, sou grata por teres me mostrado que compartilhar nos faz crescer, obrigada por ser uma incentivadora de muitos dos meus passos. Obrigada gurias, por de alguma forma terem me ajudado a chegar até o final, vocês foram essenciais nesses anos.

Fora da universidade também tive o prazer de conhecer colegas de graduação que foram fundamentais para a minha caminhada no curso. Não poderia deixar de agradecer à

Maria Victória, que mesmo morando do outro lado do país, foi quem me apresentou como o futebol e as Relações Internacionais estão muito ligados. Maria, obrigada por ser tamanha inspiração. Agradeço também aos amigos do CEDERI (Centro de Desenvolvimento de Esporte e Relações Internacionais), foi incrível encontrar tanta gente apaixonada por esportes e suas conexões com as RI.

Agradeço também ao professor Voigt, por ter aceitado me orientar, e por ter me apoiado quanto ao tema, por acreditar na importância de pesquisar e levar o futebol para dentro da academia.

Além disso, não posso deixar de agradecer aqueles que nos últimos anos fizeram parte do meu crescimento profissional. Aos colegas de trabalho da UFSC agradeço pelo acolhimento e ensinamentos diários. Aos colegas e ao meu líder da Intelbras, agradeço pelo apoio e por terem acreditado tanto no meu potencial. Em especial, agradeço ao Eric, por todo apoio profissional e também pelo incentivo e ajuda durante toda a pesquisa deste TCC.

Por fim, agradeço à educação pública brasileira, a qual me acolheu por mais de 20 anos e que fez parte de cada uma das minhas formações. Agradeço também a política de cotas que me abriu portas para lugares que por anos achei que nunca poderia ocupar. À UFSC, agradeço pelo espaço de aprendizado crítico e político, onde pude me desenvolver como estudante, profissional e pessoa.

“Los que creen que el deporte no tiene nada que ver con la política o no saben nada de deporte o no saben de política” (CAETANO, Gerardo)

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar uma revisão bibliográfica acerca da utilização do futebol, um dos esportes mais populares do mundo, como instrumento de política interna e externa, principalmente durante as ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1973-1983). Para isso buscou-se compreender, através da óptica das Relações Internacionais, o envolvimento do futebol na formação da identidade nacional, o papel que este desenvolve na diplomacia e também sua utilização como ferramenta de *soft power*. Partindo disso, a principal problemática do presente estudo é compreender de que maneira o futebol, paixão nacional de Brasil e Argentina, foi utilizado como um instrumento de política interna e externa pelos regimes militares no Brasil e na Argentina, especialmente os períodos durante a Copa do Mundo FIFA de 1970, na qual a seleção brasileira conquistou o tricampeonato, e também no mundial de 1978, no qual a Argentina foi sede e vencedora do campeonato. E os resultados angariados pelos governos da época, através da legitimação interna e também pela projeção de uma imagem positiva no meio internacional.

Palavras-chave: Futebol. Política Externa. Política Interna. Regimes Militares. Copa do Mundo 1970. Copa do Mundo 1978. *Soft Power*.

ABSTRACT

The present work aims to present a literature review about the use of soccer, one of the most popular sports in the world, as an instrument of domestic and foreign policy, especially during the military dictatorships in Brazil (1964-1985) and Argentina (1973-1983). For this, we sought to understand, through the perspective of International Relations, the involvement of football in the formation of national identity, the role it plays in diplomacy and also its use as a soft power tool. Based on this, the main problem of the present study is to understand how soccer, the national passion of Brazil and Argentina, was used as an instrument of domestic and foreign policy by the military regimes in both countries. Especially during the periods of the 1970 World Cup, in which the Brazilian team won the third championship, and also in the 1978 World Cup, which had Argentina as the host and winner of the championship. And the results obtained by the governments of the time, through internal legitimation and also by projecting a positive image in the international environment.

Keywords: Soccer. Foreign Policy. Domestic Policy. Military regimes. 1970 World Cup. 1978 World Cup. Soft Power.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação de <i>Hard</i> e <i>Soft Power</i> segundo Nye	25
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA - Associação de Futebol Argentino

AI - Ato Institucional

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

CIDH - Comissão Interamericana de Direitos Humanos

COBA - Comitê de Boicote à Copa do Mundo na Argentina

COI - Comitê Olímpico Internacional

EAM'78 - Ente Autárquico Mundial 78

EUA - Estados Unidos da América

FIFA - Federação Internacional de Futebol

OEА - Organização dos Estados Americanos

ONU - Organização das Nações Unidas

PRN - Proceso de Reorganización Nacional

RI - Relações Internacionais

SNI - Serviço Nacional de Informações

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	13
2-FUTEBOL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	16
2.1- A ORIGEM DO FUTEBOL E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS.....	17
2.2- ESPORTE E DIPLOMACIA.....	22
2.3- O FUTEBOL E O <i>SOFT POWER</i>	24
3- FUTEBOL E A UTILIZAÇÃO POLÍTICA PELAS DITADURAS MILITARES NO BRASIL E NA ARGENTINA.....	29
3.1- O CASO BRASILEIRO E A COPA DO MUNDO DE 1970.....	30
3.2- ARGENTINA E A COPA DO MUNDO DE 1978.....	38
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca compreender e discutir como o futebol, esporte praticado por milhões de pessoas mundo afora, foi utilizado como instrumento de política interna e externa durante as ditaduras militares do Brasil (1964-1985) e da Argentina (1973-1983). Principalmente durante as Copas do Mundo de 1970 e 1978, nas quais Brasil e Argentina foram campeões respectivamente.

O futebol é uma das grandes representações sociais que formam e consolidam as identidades nacionais do mundo moderno, além de ser uma parte importante da formulação da imagem de um estado (GIULIANOTTI, 1999; ALLISON; MONNINGTON, 2002). No entanto, dentro do campo das Relações Internacionais o papel do esporte é muitas vezes deixado de lado, e pouco valorizado pelos estudiosos da área. Alisson e Monnington (2002), afirmam que para a sociedade moderna, o esporte é essencialmente internacional, e os eventos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo são maneiras de demonstração de poder e de aceitação no sistema internacional. Além disso, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) possui, atualmente, 211 membros (FIFA, 2022), enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) possui 193 países membros (UN, 2022). Isso ilustra como o esporte é um caminho para a entrada e posicionamento no cenário internacional. Visto isso, é notável que faz-se necessário uma visão mais profunda das relações moldadas a partir do esporte fenômeno mundial.

Diferente do pensamento popular, o futebol está longe de ser apolítico, como bem comenta Galeano (p.44, 2004), "O futebol e a pátria estão sempre unidos; e com frequência os políticos e os ditadores especulam com esses vínculos de identidade". Pensando nisso, são vários os exemplos de uso político no esporte; pode-se mencionar os eventos esportivos como um dos principais meios de propagação política envolvendo esportes. Exemplo disso foi a Copa do Mundo de 1934 na Itália, que foi utilizada pelo regime fascista para propagar a suposta superioridade do modelo político de Mussolini (MAGALHÃES, 2013; CAON, 2021).

Na América do Sul, o futebol chegou no final do século XIX, e inicialmente foi difundido entre a alta sociedade que tentou manter o esporte exclusivo das elites, porém os esforços não conseguiram evitar a popularização do futebol. Os torcedores passaram a frequentar os jogos, pagando pelo ingresso e gerando renda aos clubes de futebol, atraindo assim interesses econômicos para a massificação do esporte (MAGALHÃES, 2013). Assim rapidamente o futebol transformou-se em um fenômeno regional, e como comenta Gonçalves (2018, p.177), o futebol tornou-se "um espetáculo capaz de promover grandes vínculos de solidariedade e de canalizar fluxo de emoção coletiva".

A partir da década de 1960 a América do Sul sofreu rupturas nas suas democracias. Os embates ideológicos e a pressão internacional, promoverão um rearranjo na estrutura política da região através de golpes militares, acarretando em anos de governos autoritários e de supressão dos direitos dos cidadãos sul-americanos (BATISTA; DE SOUZA, 2021; CAON, 2021). Dessa forma, o uso político do futebol foi percebido como uma ferramenta importante pelos governos ditatoriais do Cone-Sul durante as décadas de 1960 a 1980 (GALEANO, 2004; MAGALHÃES, 2013). Durante esse período, o Brasil foi campeão da Copa do Mundo de 1970 e a Argentina sediou e venceu a Copa do Mundo de 1978. Dessa forma, é a partir desse momento, que busca-se analisar e compreender o uso do futebol como ferramenta para ocultar as atrocidades cometidas pelos regimes militares no Brasil e na Argentina, de projeção externa e de legitimação interna, já que a adesão às vitoriosas seleções simbolizava a anuência aos regimes, embora as resistências e críticas a isso nos dois países fossem claras. Além disso, é a partir da década de 1970 que o futebol passa a ser visto também como uma grande oportunidade de negócio, as transmissões internacionais das competições, o envolvimento de grande empresas patrocinando o evento tornam o evento mais atrativo e com um formato comercial (MAGALHÃES, 2013).

Além disso, sabendo que o *Soft Power*, conceito do cientista político Joseph Nye (2004), é uma capacidade do Estado de atração e persuasão, utilizando-se de elementos culturais, como música, artes e o esporte, de modo a garantir um resultado que promove e favorece as relações diplomática de um Estado (BATISTA; DE SOUZA, 2021). Desse modo, o presente trabalho busca analisar e compreender a partir da literatura recente das Relações Internacionais, o uso do futebol como ferramenta de política externa dos regimes ditatoriais de Brasil e Argentina, no que se refere ao uso do futebol como ferramenta de Soft Power.

A escolha do tema deste trabalho é justificada por três razões principais. A primeira seria a relevância do tema para as Relações Internacionais, e pela falta de debates e discussões mais aprofundadas das relações futebol e política interna e externa, dentro da universidade e da academia. Além disso, a intenção de analisar a história de uns dos momentos mais significativos para a formação nacional de Brasil e Argentina, compreendendo como o futebol, um esporte tão popular e importante para ambos os países, teve papel significativo para esse processo. Por fim, vale ressaltar o interesse da autora pela temática, já que sempre foi um anseio pessoal questionar o ditado popular “*futebol e política não se misturam*”, que por vezes acaba sendo ressaltado até mesmo dentro da academia.

Diante do exposto anteriormente, o envolvimento dos regimes políticos com o fenômeno do futebol, principalmente na América do Sul, a problemática central do presente

estudo é: como o futebol foi utilizado pelas ditaduras militares de Brasil e Argentina como instrumento de política interna e externa? Procurando responder essa pergunta, busca-se apresentar, inicialmente, as maneiras que o futebol envolve-se com a política, para então entender os motivos e os resultados que o envolvimento dos regimes políticos de Brasil e Argentina durante os anos 60 e 80 com o futebol, causaram na política do país. Para isso, a análise se dará de forma qualitativa e os métodos adotados consistem em método histórico e revisão bibliográfica de fontes documentais primárias, tais como discursos de figuras históricas importantes, e secundárias, como teses, livros, dissertações, artigos e documentários. Entretanto, é preciso ressaltar que a temática, futebol e Relações Internacionais, possui poucas bibliografias e estudos publicados, dessa forma a fonte de pesquisa deste trabalho buscará apoio de áreas subjacentes como a história, a sociologia e a ciência política, sem deixar lado os conceitos das Relações Internacionais, principalmente quanto ao conceito de *soft power* de Joseph Nye.

2 O FUTEBOL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Mesmo o futebol sendo um esporte de prestígio e relevância internacional, dentro do campo de estudo das Relações Internacionais (RI), o esporte é pouco valorizado e raramente suas dinâmicas com a política internacional são exploradas pelos teóricos da área. No entanto, dentro das demais áreas das ciências sociais, como a sociologia, a história, o direito e até mesmo a economia, o esporte é menos marginalizado do que é pelas RI e a ciência política (GIFT; MINER, 2017). Entretanto, esse afastamento do meio teórico não é por falta de envolvimento com a área, já que muitas situações do mundo esportivo estão relacionadas às dinâmicas geopolíticas e a política internacional.

Além disso, o futebol e o esporte integram cada vez mais a agenda de política externa dos países, através da participação e realização de campeonatos e eventos esportivos internacionais, tais como as Olimpíadas e a Copa do Mundo. Sendo essa uma maneira dos governos promoverem o esporte nacional para ganhar notoriedade e prestígio internacional (CAON, 2021). Como ressaltam, Allison e Monnington (2002), o esporte é parte, mesmo que não principal, do sistema internacional, já que é utilizado pelos Estados de variadas formas nas relações internacionais, principalmente como um instrumento de promoção do *soft power* dos países.

Diante disso, este capítulo trata de apresentar uma visão do futebol para além das quatro linhas, explorando suas relações com a política e as Relações Internacionais, principalmente o seu papel na política interna e externa de governos nacionais. A primeira subsecção explora a origem do futebol e o envolvimento desse esporte com a política interna, principalmente com a construção da identificação nacional, trazendo alguns exemplos históricos que reforçam essa ligação com o nacionalismo. Nesta subsecção, consideramos principalmente a obra de Drumond (2013), doutor historiador que explorou em seu livro “Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón” as intrínsecas relações da construção da imagem de uma nação por meio do esporte. Ademais, na segunda subsecção deste capítulo será explorada a diplomacia exercida por meio dos esportes, através de eventos esportivos, a influência de atletas e clubes, e por fim, como isto se transforma em *soft-power*, apoiando-se então nas publicações de Nye, teórico da relações internacionais acerca do tema de *hard* e *soft power*.

2.1 A ORIGEM DO FUTEBOL E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS

O futebol teve seus primeiros indícios de atividade na China, por volta do ano de 2500 a.C. De acordo com Giulianotti (1999), diversas outras localidades do mundo já praticavam uma atividade similar, porém considerada um tanto “primitiva”. No entanto, o futebol moderno despontou na Inglaterra por volta do século XIX, durante o marcante período da Revolução Industrial, devido a algumas adaptações pela elite inglesa. O esporte, então, passou a ser introduzido como instrumento de ensino de liderança e disciplina nas escolas inglesas, de forma a sintetizar a filosofia *mens sana in corpore sano* (uma mente sã num corpo sã), reforçando os benefícios para a saúde e para a sociedade (GIULIANOTTI, 1999). A partir de então, o futebol foi sendo desenvolvido, regras foram criadas e a popularização do esporte foi crescendo. Desse modo, por volta de 1830 com sistematização do jogo, o futebol alcançou a aceitação da sociedade, o que possibilitou a realização de competições esportivas. Mais adiante, durante os anos 1870 e 1890, o futebol se popularizou ao transbordar as fronteiras das ilhas britânicas e alcançar o continente europeu e logo mais as américas (CAON, 2021; CANETTI, 2010).

No presente, o futebol é um dos esportes mais assistidos e praticado no mundo, atraindo a atenção de milhões de espectadores e movimentando milhões de euros anualmente, despertando assim o interesse de importantes atores tanto do meio comercial quanto do âmbito governamental (CANETTI, 2010). Todavia, é interessante notar que o futebol tem como característica se desenvolver dentro do cenário nacional, garantindo assim a criação de uma identificação nacional. Deste modo, os representantes dessas nações, encontraram no futebol e nas seleções nacionais uma força para garantir a unificação social e reforçar sua legitimidade perante toda a sociedade. Além disso, à medida que foi se popularizando, o futebol aumentou seu campo de influência internacional, e desse modo, também notou-se seu aproveitamento como instrumento para políticas de demonstração de poder (DRUMOND, 2013; CAON, 2021). Para Drumond (2008), a prática difundida do futebol tornou-se globalizada, “no entanto, e ainda que global, [o futebol] não se constitui como um elemento globalizante. Na realidade, o oposto pode ser aferido” (p.11).

Mesmo que o futebol esteja presente em praticamente todo os cantos do mundo, a infinidade de sutis diferenças entre a maneira de jogar de cada nação é capaz de construir modelos únicos de identificação nacional, e

através do modo particular de jogar, das características dos atletas de cada localidade, estes grupos puderam construir modelos de identidade repassados

pelo esporte. Pode se afirmar, que se por um lado o esporte se tornou uma prática social transnacional e globalizada, por outro passou a atuar como um novo delimitador de fronteiras, reforçando identidades regionais e nacionais (DRUMOND, 2013, p.11).

Dessa maneira, é nítido como uma das singularidades do futebol é, portanto, construir de forma coesa e forte um imaginário de uma identidade nacional, garantindo que a sociedade se identifique e se veja representada por onze jogadores em campo disputando uma bola. Segundo Hobsbawm (1997), o esporte é uma das práticas mais importantes para a invenção das tradições sociais e políticas, de tal modo constituindo uma identificação nacional. Além disso, para o autor, o esporte é uma demonstração tangível dos laços que unem os membros de um Estado-nação.

Além do mais, a formulação de uma identificação nacional não é um processo criado de forma rígida pelo governo, nem mesmo imposto de uma forma maquiavélica, mas é na verdade, uma relação de troca entre iniciativas governamentais e de demandas populares. Logo, o esporte teria uma

importância estratégica, já que atuaria como um mediador entre indivíduos e identidades. Ao se tornar um símbolo pátrio, o esporte associaria todos os cidadãos sob um mesmo signo, sob uma mesma comunidade imaginada. No imaginário de cada um dos cidadãos é produzido um sentimento comum de pertencimento à sua comunidade - seja seu país, a sua cidade ou o seu clube (DRUMOND, 2013, p.48).

O futebol, por ser um grande catalisador de sentimento de pertencimento e de nacionalismo, foi empregado como ferramenta política para controle e manipulação popular em diversos momentos da história (CAON, 2021). À vista disso, diversos governos autoritários e com aspirações fascistas, perceberam a possibilidade de convergir a consagração da seleção, ou de clubes, em uma consagração nacional. Segundo Franco Júnior (2007), “os governos autoritários foram, em busca de legitimação, aqueles que mais recorreram ao futebol” (p.169). Desse modo, os regimes de Franco na Espanha, Mussolini na Itália e Hitler na Alemanha, utilizaram o esporte como ferramenta de promoção de seus regimes, tanto no meio nacional quanto internacional (TAMMARO, 2021). Essa utilização chegou também nas Américas, e durante as eras Vargas e Perón, o esporte foi desenvolvido como prática política. Mais tarde, os governos militares de Brasil e Argentina, resgataram essa estratégia para conquistar uma maior população. Tudo isso reforça como essa prática é comum na história (DRUMOND, 2013).

Um dos casos simbólicos, que evidencia o uso político do futebol, aconteceu na Espanha, após a guerra civil espanhola (1936-1939). Buscando criar uma uniformidade na

sociedade e suprimir os anseios separatistas que impeliam na região, o ditador Franco buscou com o futebol "irmanar os diferentes povos da Espanha" (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 170). Diversas medidas restritivas foram adotadas durante o regime franquista, no futebol as representações esportivas dos clubes e a Federação Espanhola de Futebol passaram a ser acompanhadas por um representante do regime. As representações democráticas dos clubes foram desfeitas, e membros do regime foram nomeados conselheiros e presidentes dos clubes (FIGOLS, 2016a). Essas alterações chamam atenção, já que desde suas fundações, os clubes espanhóis possuíam claras identificações partidárias, como é o caso de Real Madrid que apoiava o governo central de Madrid e à coroa espanhola, enquanto o FC Barcelona servia de oposição (AGOSTINO, 2002).

Além disso, dentro desse projeto nacionalista, Franco buscou *castelhanizar* todos os símbolos que envolvessem o futebol. A exemplo, o *Football Club Barcelona* precisou substituir a bandeira catalã pela bandeira espanhola em seu escudo, além disso o nome do clube precisou ser alterado de *Football Club* para *Club de Fútbol*. No entanto, as ações de Franco não se resumiram apenas nas fronteiras espanholas, o general usou o esporte, mais especificamente o clube Real Madrid, para se promover na Europa. Portanto, o futebol foi utilizado durante o regime franquista como mecanismo de consolidação nacional, mas também como propaganda de governo na Europa (FIGOLS, 2016a).

Benito Mussolini, líder fascista italiano, era pessoalmente atlético, e assim como Franco na Espanha, buscou no esporte uma maneira de unificar e modernizar a nação italiana. No entanto, diferente do ditador espanhol, o italiano usou, principalmente, a seleção nacional como representação do seu governo. A ideia de Mussolini era que o sucesso de seus atletas fosse uma influência para que todos se orgulhassem de serem italianos, se identificando com a nação e com o regime. Para isso, o governo fascista tomou conta de diversas organizações esportivas, de modo a garantir que todos os esportes pudessem ser alcançados pelo regime, com o objetivo que nenhum esporte fosse praticado sem o envolvimento do partido e do Estado. Isso ajudou o Partido Fascista a tornar-se mais do que um partido político, foi um movimento que criou uma cultura de consentimento e ajudou tremendamente no processo de modernização, desejado por Mussolini (KRÜGER, 1999).

Para mais, o sucesso internacional em grandes eventos esportivos era, portanto, importante para confirmar que a nova Itália era uma potência mundial. Sendo assim, o partido de Mussolini investiu na participação dos atletas em campeonatos internacionais, e também buscou promover campeonatos internacionais na Itália, principalmente envolvendo o esporte preferido dos italianos, o futebol. Em 1934, foi então realizada a Copa do Mundo na Itália,

sendo essa uma forma de demonstração para o mundo da força da grandiosa Itália de Mussolini. Os títulos conquistados pela seleção, em 1934 e em 1938, eram uma confirmação do projeto do partido fascista, pode-se então argumentar que esse foi o ponto alto do entusiasmo pelo regime de Mussolini (FIGOLS, 2016b; KRÜGER, 1999). Tendo isso em vista, Krüger (1999), ressalta que o modelo de nacionalização do esporte desenvolvido pelos italianos serviu posteriormente como modelo para mais países europeus, principalmente a Alemanha.

No regime nazista, o esporte notoriamente fez parte do processo de criação da identidade ariana. Assim como na Espanha e na Itália, o regime nazista tomou o controle das organizações esportivas da Alemanha, para promover o esporte vinculado as ideias do regime, já que o esporte ia ao encontro da promoção do físico atlético e da superioridade ariana. Visto que para Hitler (1925, p.409) “não deve passar um dia em que o jovem não receba uma hora de treinamento físico pela manhã e uma hora à tarde, abrangendo todo tipo de esporte e ginástica” (*apud* Krüger, 1999, p.69). No entanto, diferente de Franco e Mussolini, Hitler não focou no futebol exclusivamente, mas utilizou-se principalmente dos Jogos Olímpicos para promover seu regime no cenário internacional, com o intuito de exibir a suposta superioridade ariana. Então em 1936 a Alemanha sediou os Jogos Olímpicos para apresentar ao mundo todo o poder e superioridade alemã. Todavia, justamente as provas que o *führer* contava com o triunfo e a demonstração de superioridade ariana, foram vencidas por atletas afrodescendentes. O caso mais famoso foi o do atleta afro-americano, Jesse Owens, que venceu quatro medalhas de ouro nas provas de atletismo (SOUZA; KARLS, 2020). Entretanto, o esporte continuou sendo parte do sistema político da Alemanha nazista.

No mesmo período, além dos países europeus, na América do Sul o esporte também foi parte da estratégia política dos governos para promoção da identidade nacional, principalmente nos governos de Vargas no Brasil e Perón na Argentina. De acordo com o historiador Maurício Drumond (2013), os modelos de propagando do regime brasileiro e argentino eram muito inspirados na Alemanha nazista e na Itália fascista, e foi exatamente por essa inspiração que o regime varguista e peronista se aproximaram do esporte, e “buscaram uma identificação, por vezes direta, do regime com o sucesso obtido no campo esportivo” (DRUMOND, 2013, p.75).

Na Argentina, a imagem de Perón era profundamente ligada aos esportes, e o presidente era identificado como um *sportman* exemplar, praticante de todas as modalidades, o que o transformava em um grande guia esportivo argentino, e logo o responsável pelo sucesso que o país alcançava no esporte. Além disso, a primeira dama da Argentina, Evita

Perón, assim como o seu marido, tornou-se símbolo esportivo no país, bem como teve seu nome em equipes e campeonatos, e era presença aguardada em jogos de finais. A ideia do regime de Perón, era reforçar, por meio do esporte, a ideia da criação de uma Nova Argentina. Foi por isso que durante o governo peronista, o estímulo pelo esporte foi desenvolvido desde a base, na busca de uma sociedade que representasse a filosofia *mens sana in corpore sano* (uma mente sã num corpo são). Desse modo, durante todo seu governo o esporte foi extremamente valorizado nas escolas, diversos campeonatos de variadas modalidades foram criados no país, além da criação de vários estádios de futebol e incentivos para os clubes futebolísticos (DRUMOND, 2013).

No Brasil de Vargas, a associação ao esporte e ao futebol foi mais branda do que na vizinha Argentina, já que Getúlio não possuía uma imagem atlética. No entanto, sabendo que o esporte, em especial o futebol, era um importante elemento para a propaganda nacionalista, tamanho simbolismo não passou despercebido por Vargas, que percebia que

os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante. A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas ou, pelo menos, para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. (...) É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que revigoram a unidade da consciência nacional (*apud* DRUMOND, 2013, p.75)

Portanto, a apropriação do esporte, por Vargas e Perón, foi uma das formas de buscar a formação de uma identidade nacional, na construção de uma nova pátria. Enfim, o esporte foi uma importante ferramenta para ambos governantes, e que resultou em uma base para os governos futuros, que não deixaram mais de utilizar os esportes, em principal, o futebol como ferramenta identitária desses dois povos (DRUMOND, 2013).

É inegável, portanto, a proximidade dos governos nacionais¹ com o futebol - sendo através de seleções, clubes e eventos esportivos - como uma importante ferramenta de propaganda política para os governos. Além disso, fenômenos nacionalistas exibem a relação próxima com o fervor e a paixão que movem populações pelo esporte. É, justamente, pela forte conexão entre a popularidade do esporte, fenômenos nacionalistas e simbolismos que permeiam o futebol, que esse torna-se instrumento político (CAON, 2021). Nas seções seguintes, abordaremos as relações do esporte com a política externa, através da diplomacia e das relações do futebol com o *Soft power*, conceito do teórico de Relações Internacionais Joseph Nye.

¹ No presente estudo deu-se ênfase utilização do futebol como instrumento político por regimes autoritários, entretanto este uso do esporte também pode ser observado em regimes democráticos. O Brasil no governo Lula, fez uso do esporte para uma inserção positiva no cenário internacional, através por exemplo do Jogo da Paz no Haiti em 2006 (GARCIA, 2015).

2.2 ESPORTE E DIPLOMACIA

O futebol, entretanto, não é apenas um instrumento de política interna, para a propagação de sentimentos nacionalistas, mas também é uma ferramenta diplomática utilizada por alguns Estados. De acordo com Bobbio (2004), a diplomacia é a condução das relações internacionais, entre Estados soberanos, por meio de negociações, método pelo qual as relações entre as nações são criadas e reguladas. Desde meados do século XVII, a diplomacia tem sido a instituição de vanguarda do Estado para orientar a política internacional (MURRAY; 2012). Portanto, a diplomacia é um dos principais instrumentos de implementação de política externa de uma nação durante a paz, e também uma ferramenta para a comunicação durante o conflito (TRUNKOS; HEERE, 2017).

Para Dichter (2020), autora do livro *Soccer diplomacy: international relations and football since 1914*, "Soccer, football, fútbol, Fußball, ou voetbal - independentemente de como o futebol é conhecido localmente, esse é a linguagem universal para milhões de pessoas em todo o mundo" (p.1, tradução nossa)² e a diplomacia possui qualidades semelhantes a essas, já que essa representa os interesses e a cultura de uma nação. A diplomacia, factualmente, envolve relações de governo para governo, no entanto à medida que o sistema estatal moderno se desenvolveu, a diplomacia evoluiu mutuamente, e a partir do séc. XX, a condução da diplomacia e os seus atores foram modificados significativamente, com a inclusão da participação de atores não estatais. Desse modo, os esportes e seus representantes tornaram-se atores diplomáticos representando a nação (TRUNKOS; HEERE, 2017; MURRAY, 2012).

Murray e Pigman (2014), estudiosos das RI e da diplomacia, analisam as múltiplas redes, atores e canais no qual o esporte e a diplomacia convergem, e a partir disso compreendem que duas categorias distintas de diplomacia esportiva emergem. A primeira categoria é composta pelo esporte internacional empregado conscientemente pelos governos como instrumento de diplomacia. Já a segunda, os autores chamam de *international-sport-as-diplomacy*, que envolve as negociações que ocorrem em eventos esportivos, além do envolvimento de organizações não estatais tais quais a FIFA e o COI (Comitê Olímpico Internacional) como atores diplomáticos.

² Do inglês: "Soccer, football, fútbol, Fußball, or voetbal—however the sport of association football is known locally, it is a universal language to millions of people across the globe." (DICHTER, 2020, p.1)

Na primeira categoria, os governos buscam no esporte internacional criar oportunidades de demonstrar sua superioridade, desde seus sucessos atléticos e até a ideologia de um determinado regime. Segundo Murray e Pigman (2014), os governos estão bem cientes do poder de influência das massas e há muito são atraídos pelo esporte e pelos eventos esportivos. Como bem observa Lincoln Allison (1993), todos os tipos de governo, com diversas ideologias,

Endossaram a competição esportiva internacional como um campo de testes para a nação ou para um 'sistema' político. Nazistas alemães, fascistas italianos, comunistas soviéticos e cubanos, chineses Maoistas, democratas capitalistas ocidentais, juntas latino-americanas – todos jogaram o jogo e acreditaram nele (p. 17, tradução nossa).³

De acordo com a categorização de Murray e Pigman (2014), a primeira é a forma mais familiar de diplomacia esportiva. No sentido tradicional da diplomacia, a qual é o diálogo entre os Estados, a diplomacia esportiva é frequentemente associada a governos que empregam esportistas para amplificar uma mensagem diplomática, ou a utilização de eventos esportivos como oportunidade de diplomacia pública, para aliviar tensões diplomáticas ou simplesmente testar o terreno para a aplicação de mudanças políticas. De acordo com Murray (2012), esta diplomacia é facilitada pela diplomacia tradicional e busca utilizar os esportistas e eventos esportivos para engajar, criar uma imagem favorável entre públicos e organizações estrangeiras, de maneira a moldar a percepção de um modo mais propício para alcançar os objetivos de política externa de um governo.

Na história são famosos os casos que representam essa forma de envolvimento do esporte com a diplomacia, a Copa do Mundo de 1934 na Itália, reforça a utilização do futebol como instrumento de comunicar diplomaticamente o poder brando - conceito que será desenvolvido na próxima seção - italiano. Além dos casos de Brasil e Argentina, que utilizaram das Copas do Mundo para promover seus regimes, caso que será discutido no capítulo seguinte deste trabalho.

Já a segunda categoria, diz respeito à representação diplomática, comunicação e negociação entre atores não estatais, que acontecem para tornar possível as competições e organização de megaeventos esportivos internacionais, com a participação de atores não estatais. A exemplo disto, a FIFA realiza uma *international-sport-as-diplomacy*, já que a organização se envolve consistentemente em representação e negociação com governos,

³ Do inglês: “have endorsed international sporting competition as a testing ground for the nation or for a political ‘system’. German Nazis, Italian Fascists, Soviet and Cuban Communists, Chinese Maoists, western capitalist democrats, Latin American juntas – all have played the game and believed in it” (ALLISON, 1993, p.17).

órgãos organizadores regionais e nacionais do esporte, grandes empresas globais que patrocinam competições, empresas de mídia internacionais e sociedade civil global. Esta categoria desponta da diplomacia tradicional, e ressalta a importância dos novos atores diplomáticos no meio internacional contemporâneo (MURRAY; PIGMAN, 2014). Veremos no próximo capítulo, o envolvimento desses atores não estatais, principalmente o envolvimento da FIFA na escolha da Argentina como sede da Copa do Mundo de 1978 e a realização do evento em meio à ditadura no país.

Black e Peacock (2013) acrescentam que os eventos esportivos são a principal forma de prática da diplomacia esportiva na atualidade. A realização de Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo, e outras competições esportivas, tornaram-se cobiçados na busca dos países por visibilidade global. Desta forma, torna-se uma tendência da atividade diplomática. Ainda, o esporte pode ser visto como uma resposta estratégica à globalização, ao celebrar e promover valores de competitividade no país, reforçando identidades nacionais para o público interno e externo

De maneira geral, para Murray (2012), a diplomacia esportiva é conceituada como as atividades diplomáticas empreendidas por atores ligados ao esporte, em nome dos seus governos. Enquanto a diplomacia tradicional é um meio para os objetivos da política externa de um país, a diplomacia esportiva pode ser considerada um meio para a diplomacia tradicional atingir estes objetivos. Além disso, a diplomacia esportiva pode promover a compreensão e a amizade internacional, assim como desconstruir estereótipos e preconceitos, além de ser uma estratégia de baixo risco e custo (MURRAY, 2012; SANTOS, 2016). Sendo assim, visando melhor compreender o envolvimento do futebol na política externa, na seção seguinte será introduzido o conceito de *soft power* - que relaciona-se com a diplomacia, abordado por Joseph Nye.

2.3 O FUTEBOL E O *SOFT POWER*

Poder, segundo Nye (2004), “é a capacidade de influenciar o comportamento dos outros para obter os resultados que se deseja” (p.2, tradução nossa)⁴. Esta habilidade de influência pode ocorrer por meio da coerção, indução e cooptação (NYE, 2004). Com base nisso, Nye divide o poder em dois tipos: o *hard power* (coagir ou induzir) e o *soft power* (capacidade de cooptar). Esses conceitos, a princípio, foram aplicados visando as figuras dos Estados, mas aplicam-se a diversos atores no cenário internacional (CAON, 2021).

⁴ Do inglês: “is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one wants” (NYE, 2004, p.2).

Dentro da definição de Nye, enquanto o *hard power* baseia-se em ameaças, principalmente militares e econômicas, o *soft power* utiliza mais a persuasão do que a força, incluindo valores ideológicos e as influências culturais. Tanto a utilização do *Hard*, quanto do *Soft Power* tem como objetivo influenciar o comportamento dos países a fim de obter ganhos e alcançar suas finalidades. A grande variável entre os dois tipos de poder é a maneira com que esses resultados são obtidos. No quadro abaixo nota-se os comportamentos e recursos utilizados por ambos poderes para alcançar seus objetivos:

Quadro 1: Classificação de *Hard* e *Soft Power* segundo Nye.

	<i>Hard Power</i>	<i>Soft Power</i>
Comportamentos	Coercivos Persuasivos	Atração Cooperação
Recursos utilizados	Força, Sanções Ameaças, intimidações	Comunicação, Valores, Políticas e Culturas

Fonte: Elaboração da autora com base em Nye, 2004.

As fontes de *soft power* de um Estado são diversas, mas de acordo com Nye (2004), a cultura (atrativas para os outros), os valores políticos (praticados internamente e externamente) e a política externa (legitimada por outros e possuindo autoridade moral), são as principais. Portanto, para o autor, o *soft power* está ligado à credibilidade que o ator possui, e a efetividade depende disso. Quando os atores são tidos como manipuladores, e a informação é vista apenas como uma propaganda, a credibilidade é destruída, o que arruína a ideia de cooptação. Nesse sentido, Nye reforça “nenhum país gosta de se sentir manipulado, nem mesmo por *soft power*” (NYE, 2004, p. 25, tradução nossa)⁵

Através da história, percebe-se que o *soft power* pode ser alcançado por meio da cultura, da arte e sobretudo por meio do esporte. A prática esportiva pode ser tanto inclusiva quanto competitiva, e pode auxiliar no diálogo e na compreensão entre as nações, influenciando e promovendo relações diplomáticas (GARCIA, 2015; CAON, 2021). Sendo o futebol um esporte de massas, que atrai a atenção de milhões de pessoas, esse torna-se um instrumento importante de propagação de *soft power* por parte dos países. Mesmo que seja difícil mensurar o nível de eficiência do futebol como instrumento de *soft power*, devido a subjetividade dessa instrumentalização, são inegáveis as ramificações políticas no esporte (AMAZARRAY, 2011).

⁵ Do Inglês: “No country likes to feel manipulated, even by soft power” (NYE, 2004, p.25).

Uma das principais maneiras de obter ganhos de *soft power* com o futebol, é através dos eventos esportivos, principalmente da Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos. Essas práticas comunicativas podem ter sucesso em atrair a atenção de bilhões de pessoas, e são, portanto, uma plataforma perfeita para mostrar a cultura e imagem do país-sede para o resto do mundo, tendo a possibilidade de aumentar seu prestígio e capacidade de atração internacional (GRIX; LEE, 2013). Essa prática, foi bem utilizada pelos países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), os quais se candidataram e foram escolhidos nos últimos anos para sediar eventos esportivos. África do Sul, Brasil e Rússia foram as sedes das últimas três Copas do Mundo FIFA e a China sede das Olimpíadas de Verão de 2008 e a de Inverno de 2022, com o intuito de promover sua imagem internacionalmente (PIZARRO, 2017). Além disso, é através da promoção desses eventos esportivos de proporções mundiais que alguns países buscam conquistar a atenção internacional para dentro do seu país, no caso do BRICS existe também a intenção de desenvolvimento nacional, de incentivo ao turismo, como também atrair capital externo, já que tanto a Copa do Mundo quanto as Olimpíadas, atraem o investimento e participação de muitas grandes empresas. Inclusive, o Brasil segundo Nye (2011) possui elementos essenciais de *soft power* no plano internacional: a cultura popular do carnaval e o futebol. Já a China, segundo o autor, estaria aumentando esses elementos com a organização das Olimpíadas de 2008 (NYE, 2011).

Nesse sentido, Paulino afirma que:

os governos dos países que se candidatam a sediar esses eventos o fazem, portanto, porque têm consciência de que são oportunidades únicas no espaço de uma geração ou mais para construir, modificar e projetar a imagem internacional de seus países com o propósito de aumentar sua influência no mundo: o chamado soft-power ou poder brando [...] com o propósito de divulgar e tornar aceitos seus valores, sua cultura, atrair investimentos, abrir mercados para suas empresas e, sobretudo, tornar aceito seu poder econômico e militar (2015, p. 30).

Dessa maneira, é interessante para o Estado associar seu nome à organização de um evento esportivo internacional, o que por sua vez lhe garante maior credibilidade, fator essencial para o *soft power*, de acordo com Nye (2004). É indiscutível a influência que a FIFA tem na estrutura internacional, sendo hoje uma das mais importantes Organizações internacionais ligadas ao esporte. Sendo assim, essa possui uma grande credibilidade, e suas ações lhe permitem ser capaz de influenciar diretamente a estrutura internacional (AMAZARRAY, 2011). Atualmente, a FIFA é composta por 211 Estados membros (FIFA, 2022), dentro os quais, alguns não são reconhecidos pela ONU, que hoje possui 193 países membros (UN, 2022). Os reconhecimentos de alguns países ou territórios, pela organização,

se deve a priorização de identidades culturais e o princípio de autodeterminação dos povos (OLIVEIRA, 2014).

Na história, facilmente encontra-se o envolvimento de regimes com os eventos esportivos na busca por credibilidade, exposição e influência internacional. Mussolini buscou na Copa do Mundo de 1934, uma forma de agregar credibilidade ao seu regime, e também uma forma de propaganda política internacional do seu governo. Hitler, utilizou as Olimpíadas com a mesma intenção do Italiano. Anos depois, Brasil e Argentina fazem uso desses eventos com o intuito de promoção nacional e internacional, como será investigado melhor no próximo capítulo deste trabalho. E atualmente, o Catar - sede da próxima Copa do Mundo FIFA - também busca com esse megaevento construir uma nova imagem da região árabe, a fim de associar uma imagem positiva no meio internacional. O emirado vê, através desse megaevento, uma oportunidade de aumentar sua presença internacional, além de buscar uma forma de reconhecimento e legitimidade, servindo essencialmente como um mecanismo de defesa e proteção perante à vizinhança (CAON, 2021).

Ademais, após a Segunda Guerra Mundial, o *soft power* passou a ser necessário na busca por redução de custos e risco políticos e econômicos, comparado a utilização de abordagens coercitivas. De tal modo, em épocas de atenuação de conflitos armados, é esperado que haja um acirramento de outras tensões entre Estados e suas populações, seja no campo social, político ou esportivo (OLIVEIRA, 2014). No decorrer da Guerra Fria, isso tornou-se visível, já que os Estados Unidos (EUA) e a antiga União Soviética (URSS), já que ambas empregavam o esporte em suas rivalidades ideológicas, e utilizaram os eventos esportivos, principalmente os Jogos Olímpicos, como maneira de propagação de ideais, através da recepção como sede dos jogos, ou através de boicotes ao mesmo. Ou seja, com o mundo dividido em dois blocos políticos, o esporte transformou-se em uma arma ideológica (VASCONCELLOS, 2008). Assim é perceptível o valor do esporte como ferramenta de *soft power*, principalmente em termos de elevação nacional e de valores. Durante os jogos, o confronto direto entre as nações, representava de certa forma, a superioridade de um país ao outro (CAON, 2021; OLIVEIRA, 2014).

À vista disso, o esporte e o futebol são instrumentos factíveis e importantes para a propaganda nacional no sistema internacional, e também no apoio às identidades nacionais e ideológicas. É perceptível que o futebol, e os eventos da FIFA e do COI (Comitê Olímpico Internacional), são instrumentos de propagação de valores política, culturais, além do poder de legitimar ideologias e regimes, ao captar a atenção de milhões ao redor do mundo (CAON, 2021; OLIVEIRA, 2014). De tal modo, os casos históricos apresentados neste capítulo

reforçam a relevância deste trabalho, e são base para a compreensão do caso dos regimes militares brasileiro e argentino e a utilização do futebol e seus eventos esportivos como ferramenta política, que serão abordados no capítulo seguinte.

3 FUTEBOL E A UTILIZAÇÃO POLÍTICA PELAS DITADURAS MILITARES NO BRASIL E NA ARGENTINA

“O futebol, acredite, é mais que um jogo”

*Franklin Foer*⁶

Mesmo o futebol moderno sendo de origem inglesa, este não tardou a cruzar os oceanos e chegar às Américas. No Brasil e na Argentina, o esporte foi introduzido no final do século XIX, por imigrantes vindos do velho continente, e a princípio, o futebol foi importado como um esporte elitista, mas logo ganhou as massas populares e cresceu fortemente pelos subúrbios. Assim, o futebol transformou-se em uma linguagem universal entre os estrangeiro e os jovens locais, e aos poucos foi incorporando-se a identidade latino-americana ao passo que tornou-se um elemento fundamental da cultura desses países (MAGALHÃES, 2013; GALEANO, 2004).

A facilidade da prática do futebol, fez com o esporte se difundisse rapidamente, e em pouco tempo já havia se transformado em uma paixão mundial, tornando-se então “um espetáculo capaz de promover grandes vínculos de solidariedade e de canalizar fluxo de emoção coletiva” (GONÇALVES, 2018, p.177). À vista disso, e do que foi apresentado no capítulo anterior, o futebol tornou-se alvo de interesses de governantes. Na América do Sul, foi a partir do contexto da Guerra Fria, período em que os embates ideológicos e a pressão internacional, promoveram um rearranjo na estrutura política da região através de golpes militares, que estes interesses tornaram-se mais nítidos. Tais governos implantaram regimes autoritários, repressivos, no qual se observou a supressão dos direitos humanos e políticos dos cidadãos dos países sul-americanos (BATISTA; DE SOUZA, 2021). Foi então, nesse cenário, que o futebol foi fortemente utilizado como ferramenta de propaganda política dos regimes militares no Brasil e na Argentina, tanto no cenário nacional quanto no meio internacional, sendo importante ressaltar a participação de ambas seleções em eventos esportivos, e suas respectivas vitórias em 1970 e 1978.

Portanto, este capítulo trata de abordar as ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1973-1983), e seus vínculos com o futebol, principalmente no que se refere à utilização deste como instrumento de propaganda de política interna e externa. A revisão bibliográfica deste capítulo visa compreender de que maneira os governos brasileiro e argentino promoveram o futebol como símbolo do regime militar, e de que forma isso se

⁶ FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

intensificou durante as Copas do Mundo FIFA. Além de compreender de que forma isso gerou impactos na política externa de ambos os governos. Sendo assim, a primeira subseção apresenta o caso brasileiro, apresentando os antecedentes à participação e vitória da seleção na Copa do Mundo de 1970, e por fim as consequências geradas ao regime após a conquista do Tricampeonato. Já na segunda subseção, estuda-se o caso argentino, revisando a literatura acerca dos antecedentes e consequência do país ter sido escolhido para ser sede da Copa do Mundo de 1978, e consequentemente a primeira vitória da seleção argentina no mundial.

3.1 O CASO BRASILEIRO E A COPA DO MUNDO DE 1970

Em diversas partes do mundo, o final do século XIX e o início do século XX marcaram a difusão e a popularização do futebol. No caso brasileiro, foi nesse período que o esporte passou a afirmar-se como um dos principais elementos da cultura brasileira. A combinação da introdução do regime profissional de trabalho para os atletas jogadores de futebol, e a ampliação dos meios de comunicação ajudaram na construção do prestígio de clubes de futebol, o que permitiu a popularização do esporte entre todas as camadas da sociedade. Além disso, a participação nas edições das Copas do Mundo FIFA a partir de 1930, permitiram que, a cada quatro anos, os brasileiros tivessem a possibilidade de conhecer as mais diversas nacionalidades e sustentar um sentimento forte aos símbolos nacionais, de pertencimento ao Brasil e à seleção nacional. Logo, a difusão social do futebol demonstrava seu grande potencial de alicerce na construção da nacionalidade brasileira, e transformou-se em um espaço de interesses políticos e econômicos (FRAGA, 2009; MAGALHÃES, 2013; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Foi então, a partir da década de 1930 que o Brasil passou a ser reconhecido internacionalmente como potência no futebol, principalmente após a Copa do Mundo FIFA de 1938, sediada na França. O campeonato foi de grande importância para o país, pois aliou o futebol ao projeto de construção de uma unidade nacional proposta por Getúlio Vargas e o Estado Novo (1937-1945), que buscou através da seleção brasileira despertar na população um sentimento de orgulho em ser brasileiro (CAON, 2021). Apesar de não ter vencido a Copa de 1938, discursos de caráter nacionalista foram amplamente difundidos por jornais e pelo governo, e desde então, os eventos esportivos tornaram-se uma ferramenta política e uma oportunidade para expor o Brasil no cenário internacional (OLIVEIRA, 2015; MAGALHÃES, 2013).

Na quarta edição da Copa do Mundo, em 1950, o Brasil foi escolhido para sediar o evento. Este evento FIFA representava um grande desafio internacional, visto que era o

primeiro campeonato esportivo internacional promovido após o fim da Segunda Guerra Mundial. Além disso, nesse período marcava-se o início da Guerra Fria, e o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), buscou posicionar o Brasil ao lado dos Estados Unidos, e de tal modo demonstrar internacionalmente o país como uma nação industrializada e capitalista. A insistência de Dutra para sediar a Copa, tinha dentre seus objetivos propagandear seu governo, fortalecer a identidade nacional do brasileiro, e a construção do estádio do Maracanã era um símbolo que o país buscava apresentar ao mundo. Entretanto, o resultado final do campeonato foi a derrota de 2x1 para o vizinho Uruguai, resultado que trouxe uma grande tristeza e descrença ao futebol nacional por alguns anos (CAON, 2021; SANTOS, 2012). Na verdade, até hoje essa final é recordada como uma “tragédia nacional” no cenário esportivo, e como um dos dias mais triste para o futebol brasileiro, além de ter dado origem a expressão “complexo de vira lata”⁷, o que demarca assim o peso e a dramaticidade com que o futebol reverbera no imaginário social do brasileiro (SANTOS, 2012).

Depois do fracasso da Copa sediada no Brasil, foi só com a vitória da primeira Copa do Mundo em 1958 que o futebol voltou a ser capaz de aquecer o sentimento nacionalista nos brasileiros, e transformar o país novamente na pátria em chuteiras. No entanto, segundo Magalhães (2013), o futebol nesta ocasião foi pouco explorado politicamente pelos governos, ou talvez não tão explicitamente quanto em outros momentos da história do Brasil. Foi com a chegada dos militares ao poder, após o golpe de 1964, que o interesse por utilizar o futebol politicamente voltou a crescer. Desse modo, é interessante compreender o cenário político conturbado pelo qual o Brasil passou a partir de 1964, e de que modo isso se refletiu no cenário esportivo futebolístico.

O cenário político brasileiro que antecedeu o Golpe de 1964 era marcado fortemente pelo conservadorismo, simpatizantes do governo estadunidense e de uma política radical dentro das Forças Armadas. Quando em 1961 Jânio Quadros renunciou ao cargo de presidente, o vice João Goulart estava em visita oficial à China, assim o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, assumiu provisoriamente. Este rearranjo político gerou uma tensão no país, e logo os congressistas levaram ao congresso uma emenda constitucional instituindo no Brasil o sistema parlamentar de governo. Depois de muita instabilidade política com a adoção deste novo modelo governamental, decide-se através de uma consulta popular

⁷ Expressão criada pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues, a qual originalmente se referia ao trauma sofrido pelos brasileiros com a derrota da Copa do Mundo de 1950 em pleno Maracanã. “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, 1993, p. 61).

retornar-se ao presidencialismo, e assim João Goulart assume o país (TRAMARIM, 2007). Essas mudanças em Brasília foram um dos prelúdios do golpe que viria a seguir. Jango, como era conhecido, desde o início do mandato focou sua mensagem política nas “reformas de base”⁸, e desse modo era visto como simpatizante da esquerda (SKIDMORE, 1982). O comportamento de João Goulart era visto como suspeito pela esquerda e pelos militares, o que inflou a tensão política na época. Sem resistência forte da esquerda ou por parte de Jango, que fugiu do país ao primeiro sinal de avanço dos militares, no dia 31 de março de 1964 as forças armadas avançam e tomam o poder e dão início ao dia que durou vinte e um anos (O DIA..., 2013).

Nos anos seguintes foram marcados pela supressão dos direitos humanos e políticos dos brasileiros. O regime civil-militar brasileiro assumiu uma aparência de continuidade da ordem institucional, o que era apenas uma fachada para esconder as medidas arbitrárias tomadas pelos governantes. De acordo com Skidmore (1988), os militares que assumiram o poder constituíam um grupo bastante heterogêneo, divididos principalmente entre os moderados (liberais-autoritários) e os linha dura (nacionalistas-autoritários). O primeiro militar a assumir o poder foi Castelo Branco (1964-1967), que fazia parte da linha dos moderados. Foi neste período que se definiu a estrutura institucional do período autoritário e entraram em cena os Atos Institucionais. O AI-1 foi o primeiro Ato a ser institucionalizado, e tinha como objetivo justificar a deposição de João Goulart, além de considerar o golpe um movimento revolucionário, criou um aparato jurídico que permitia a repressão e perseguição dos opositores, além de estabelecer eleições indiretas à Presidência da República (BRASIL, 1964).

O segundo ato institucional, o AI-2, entrou em vigor em 1965, e suspendeu a Constituição de 1946 e também as eleições diretas para presidente. Foi também instituído o bipartidarismo, representados pela ARENA e pelo MDB, o partido oficial do governo a oposição consentida respectivamente, uma tentativa de conferir um viés democrata ao regime perante o resto do mundo.

Em 1967, o general Costa e Silva (1967-1969) assume a presidência, e portanto a linha-dura chega ao poder. Logo no início do mandato, a Lei de Segurança Nacional⁹ passou a ser regra, e em reação, emergiram diversos protestos pelo Brasil, aumentando o clima de

⁸ As reformas propostas por João Goulart tinham por objetivo diminuir a desigualdade social no Brasil e fortalecer uma economia nacionalista, dentre as principais reformas estavam a Reforma Agrária (SKIDMORE, 1982).

⁹ Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências (BRASIL, 1965).

radicalização política (SKIDMORE, 1988; CAON, 2021). Como resposta instituiu-se, em 1968, o AI-5, ato que suplementava o fechamento, por tempo indeterminado, do Congresso e suspendeu todos os direitos civis e estabelecia a censura. O ato de número cinco decretou a intervenção em estados e municípios e a suspensão da garantia de *habeas corpus* nos casos de crimes políticos (BRASIL, 1968). A partir de então, com a eliminação da possibilidade de oposição e resistência civil, segundo Franco Júnior (2007), começou-se a observar a formação de lutas armadas rebeldes pelo país, o que acabou motivando o regime a organizar um forte aparato de pressão.

Em 1969, chega ao poder o general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), cujas características eram alinhadas aos militares da linha dura. Foi nesse período da ditadura que houve um agravamento da supressão dos direitos humanos, e no qual observou-se o milagre econômico e a conquista do tricampeonato da seleção brasileira na Copa do Mundo FIFA de 1970 (CAON, 2021).

Sabendo do imenso potencial de propaganda, o futebol é trazido para próximo do regime. Assim, já no início do regime militar, Castelo Branco aplica as lições deixadas por Vargas, e uma das primeiras marcas da aproximação do regime com o esporte foi o cancelamento do amistoso entre Brasil e URSS. Desfazia-se assim a aproximação dos governos anteriores, e demonstrava o alinhamento com o bloco capitalista liderado pelos EUA. Além disso, com a aproximação da Copa do Mundo de 1966, o militar buscou utilizar a seleção e outros símbolos nacionais como símbolos do regime. No entanto, tamanha interferência do regime na preparação da seleção para o mundial arruinou a campanha brasileira, com apenas uma vitória e duas derrotas, a equipe não avançou para a segunda fase, e foi eliminada ainda na fase de grupos, sendo a segunda pior campanha nacional em Copas do Mundo (MEMÓRIAS..., 2012a; OLIVEIRA, 2015).

Um dos atores mais importantes para a consolidação do futebol como ferramenta do regime durante a Copa de 1966, foi o chefe da delegação brasileira e presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) da época, João Havelange. O dirigente estava envolvido com o futebol e com a CBD desde 1958, e foi visto como um dos responsáveis pelo sucesso da Copa do Mundo na Suécia (MAGALHÃES, 2013). Havelange buscou agradar o cenário político, percebendo a necessidade de agradar ao regime e seus aliados, moldou a seleção brasileira para tornar-se um objeto de propaganda para o regime, além de aproveitar a imagem favorável para se autopromover internacionalmente¹⁰. No entanto, o resultado não foi

¹⁰ Em 1974 João Havelange assumiu como Presidente da FIFA, permanecendo até 1998 no cargo, mesmo com diversas denúncias de corrupção (MAGALHÃES, 2013).

o esperado e a péssima campanha brasileira no campeonato deixou a CBD e Havelange em uma situação desfavorável após o mundial, que passou a ser acompanhado pelo SNI (Serviço Nacional de Informações) da ditadura militar. (CAON, 2021; MAGALHÃES, 2013; ESPN, 2015).

Com a implementação do AI-5, que previa o estrito controle de várias áreas do país como escolas, universidade, empresas, e até mesmo o futebol - a paixão máxima do país - passou a estar sob o controle do regime. Nesse momento, a CBD foi uma organização esportiva importante para o controle do regime sobre o futebol. Assim como toda a sociedade brasileira, os clubes de futebol passaram a ser monitorados por informantes, e qualquer postulação para cargos de dirigente precisava ser aprovada pelos militares. Além disso, nas federações estaduais de futebol são colocados nos cargos de presidência homens de confiança do governo, os chamados “amigos do regime” (MEMÓRIAS..., 2012a). Um dos casos é o do presidente da Federação do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães, que consta como informante de inquéritos dos órgãos de segurança do regime, como é apresentado pelos documentos exibidos no documentário “Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor” (2012a).

Em 1968, com a aproximação da Copa do Mundo no México, o regime aumentou seu envolvimento com o esporte. Havelange, então, criou a COSENA (Comissão Seleccionadora Nacional), comissão que tinha como objetivo escolher um novo treinador para a Seleção, além de avaliar os jogadores que seriam convocados à equipe. Sem dúvidas, esse movimento buscava apagar o vexame da última Copa e trazer novamente o prestígio para a seleção brasileira. Desse modo, deu-se início a um processo de militarização do futebol nacional, no entanto os resultados da COSENA não foram positivos, e a campanha de amistosos foi um fiasco e logo a comissão foi desfeita (CAON, 2021; ESPN, 2015).

Em 1969, a CDB indica ao cargo de treinador da seleção João Saldanha, contratação que foi bastante conturbada e ia de encontro ao desejado pelos militares. Mesmo que o técnico já tivesse apresentado resultados positivos à frente da seleção durante a eliminatória para a Copa de 1970, Saldanha era visto como comunista, e não representava um apoio ao regime (MAGALHÃES, 2013; MEMÓRIAS..., 2012a). No entanto, João Saldanha não manteve-se por muito tempo à frente da seleção, já que negava-se a permitir que agentes governamentais, e até mesmo o presidente Médici, opinassem sobre o futebol que estava sob seu comando (VIANA, 2009). Após resistência, Saldanha foi demitido do cargo, já que seria extremamente arriscado manter um treinador com tendências comunistas em uma Copa que seria tão estratégica para Médici (MEMÓRIAS..., 2012a; CAON, 2021; AGOSTINO, 2003). Após a

saída de Saldanha, Mário Jorge Lobo Zagallo, foi escolhido como técnico e assumiu a comissão técnica da seleção, que era formada sob a lógica militar e era composta até mesmo por representantes das Forças Armadas. No entanto, tanto Zagallo quanto os demais jogadores negam qualquer influência político-militar nas questões de preparação e escalação da seleção de 1970 (MAGALHÃES, 2013).

A Copa do Mundo do México foi realizada entre maio e junho de 1970. O México passava, naquele momento, por uma situação política instável, dois anos antes o país havia sediado os Jogos Olímpicos e devido a instabilidade política aconteceram manifestações estudantis poucos dias antes da realização dos jogos, o que culminou no *Massacre de Tlatelolco*¹¹. Dois anos após, a FIFA tampouco questionou o ocorrido, e aceitaram a garantia mexicana que a nona Copa do Mundo de futebol seria realizada com sucesso (MAGALHÃES, 2013).

Durante a Copa do Mundo, o regime militar brasileiro precisava não somente manter a imagem do futebol relacionado ao sucesso do governo, mas colocá-lo à prova. Um ponto fundamental para o resultado propagandístico da seleção de 1970 foi a transmissão dos jogos pela televisão, e logo no início do ano 1970, Médici fez questão de mostrar ao povo brasileiro que garantiu a transmissão ao vivo dos jogos da seleção, tanto pelos canais de transmissão - que tiveram grandes investimentos públicos - quanto pela possibilidade da compra de televisores pelos cidadãos brasileiros (MEMÓRIAS..., 2012a; MAGALHÃES, 2013). O governo de Médici conseguiu trazer o espetáculo realizado no México para dentro das casas dos brasileiros, o próprio militar afirmou durante o discurso no dia de São Paulo que “Solidariedade também é juntar-se às paixões de alma popular”. E nas asas dessa paixão, meu Governo se empenhou para que trouxéssemos o México à plateia de todos os lares do Brasil” (BRASIL, p.21, 1970a). No contexto internacional, a Copa de 1970 foi um marco para o futebol como espetáculo midiático, a FIFA apoiou-se nas transformações trazidas pelas tecnologias, e passou a ter como sua principal fonte de lucro, até os dias de hoje, os contratos televisivos para transmissão do que então se tornou um megaevento (MAGALHÃES, 2013).

Segundo Magalhães (2013), a Copa de 70 foi recheada de simbolismos para a nação brasileira. Durante o campeonato, slogans ufanistas, como “Brasil o país do futebol” foram utilizados para gerar propaganda para o regime, outro exemplo é a música do compositor

¹¹ O *Massacre de Tlatelolco* aconteceu em 1968 na Cidade do México durante uma manifestação contrária à realização dos Jogos Olímpicos daquele ano, realizados na cidade. As forças armadas mexicanas abriram fogo contra civis desarmados, em outubro de 1968, matando inúmeros cidadãos, dentre eles centenas de estudantes (MAGALHÃES, 2013).

Miguel Gustavo intitulada “*Pra Frente Brasil*”, cantada durante toda a copa como incentivo aos atletas, a qual virou símbolo do que realmente era ser brasileiro (BATISTA; DE SOUZA, 2021). Os jogos finais do campeonato transformaram sentimentos antigos, a derrota para o Uruguai na Copa de 1950 ainda era um fantasma para a memória popular brasileira, e a vitória sobre os vizinhos uruguaios na semifinal em 1970 significava uma vingança sobre o passado. Já a final com a Itália foi a celebração de mais um título mundial. A conquista do terceiro título mundial permitiu à seleção brasileira trazer para casa de forma definitiva a taça *Jules Rimet*¹², o que ocasionou prestígio e reconhecimento internacional até mesmo para a moral da população. O símbolo de uma nação que dava certo foi amplamente propagado logo após o tricampeonato (BATISTA; DE SOUZA, 2021). Desse modo, o governo civil-militar utilizou o êxito no futebol a seu favor, unindo o sucesso dentro das quatro linhas ao crescimento econômico, e buscando estabelecer vínculos entre a nação e o regime, como ressalta Médici no seu discurso após vitória no mundial:

Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários de mais alto valor, desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração do que a alegria de ver a felicidade de nosso povo, sentimento da mais pura exaltação patriótica (BRASIL, p.83, 1970b).

Entretanto, mesmo com a vitória na Copa de 1970, esse momento segue sendo um dilema na memória do brasileiro. Os Anos de Ouro - êxitos econômicos e esportivos - ocorriam na mesma época dos Anos de Chumbo, período de maior repressão do regime militar, por um lado as comemorações da vitória no mundial, do outro lado a resistência sendo perseguida, torturada e morta. A vista disso as propagandas sobre a Copa do Mundo geraram sentimentos conflituosos à oposição do regime, esses estavam em dúvida se torceriam ou não para a seleção, já que a vitória dessa representaria mais um sucesso do regime (CAON, 2021; MAGALHÃES, 2013). No entanto, após o apito final, e a consagração do Brasil tricampeão

¹² A taça recebeu esse nome em 1946 em homenagem ao francês Jules Rimet, criador da Copa do Mundo e presidente da FIFA de 1921 a 1954. O idealizador da taça definiu que a posse definitiva do troféu ficaria com o país que conseguisse conquistar três edições da Copa. O Brasil foi a primeira seleção a conquistar o tricampeonato e hoje tem a posse da taça, que já foi roubada duas vezes e, na última delas, jamais foi encontrada. (BACHEGA, 2014).

mundial, o país inteiro entrou em festa, o que relativizou estes questionamentos, e enfraqueceu a oposição (MEMÓRIAS..., 2012a).

Após a Copa de 1970, o governo de Médici utilizou da vitória da seleção no mundial para ligá-la diretamente aos avanços em termos econômicos, disfarçar os problemas locais, além de propagar sua cultura e difundir seu “êxito nacional” perante seus críticos internos e externos. (BATISTA; DE SOUZA, 2021). Além disso, o governo militar buscou aproveitar o legado do tricampeonato e o prestígio por ele gerado. Na intenção de demonstrar que o futebol-poder não se limitaria apenas às Copas do Mundo, deu-se início ao Campeonato Nacional de Clubes. Além disso, a CBD organizou em 1972 a Taça da Independência para comemorar os 150 anos da independência brasileira, reunindo vinte seleções nacionais. Paralelamente a isso, mais de 15 estádios foram construídos no país até o fim da ditadura militar (CAON, 2021; AGOSTINO, 2003).

Por fim, por volta de 1974 o regime militar começa a perder suas forças, a elevação do preço do petróleo, e a alta inflação e o endividamento externo revelaram as fraquezas do milagre econômico. Além disso, na Copa do Mundo na Alemanha a seleção brasileira não conseguiu apresentar o mesmo futebol apresentado no México. A desorganização e a falta de motivação da seleção brasileira era semelhante ao que acontecia no país (CAON, 2021; MAGALHÃES, 2013). A péssima atuação na Copa de 1974 resultou em fortes críticas ao regime, por parte da imprensa e da população. A propaganda de quatro anos antes voltava-se contra o regime, e dessa vez o descontentamento com o governo militar começa a surgir entre os brasileiros (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Para Magalhães (2013), nesse momento tão turbulento da história brasileira ocorreu o uso da seleção brasileira, ao nível intelecto e do imaginário, de modo que a conquista do tricampeonato se transformou em um marco na memória coletiva do Brasil. Além disso, no cenário internacional o país projetou figuras importantes a partir de 1970, como foi o caso de João Havelange, que em 1974 tornou-se presidente da FIFA¹³ - que ficou conhecido pelas grandes mudanças realizadas na organização e no campeonato, pela organização da Copa do Mundo de 1978 na Argentina, que veremos na próxima seção, e como também pelo mais diversos casos de corrupção.

Desse modo, a Copa do Mundo de 1970, pode ser vista como um instrumento de grande importância para a ditadura civil-militar brasileira, a qual trouxe vários benefícios para a imagem do governo. A vitória no Mundial no México trouxe considerável melhoria em sua

¹³ É com a entrada de Havelange na FIFA que a Copa do Mundo consolida-se como um evento cada vez mais publicitário e comercial, atraindo a atenção de grandes marcas e governos (MAGALHÃES, 2013).

imagem externa perante outros países, já que o futebol apresentado por seus jogadores foi motivo de admiração mundial. Além disso, no cenário interno, o sucesso futebolístico durante 1970 foi utilizado como propaganda e legitimação interna que serviu para exaltar o regime, e esconder as violações de direitos humanos cometidos pelo governo. É notável, portanto, que a conquista do mundial foi utilizada pelo regime militar como uma forma de alimentar a alienação e manipulação da população sobre os problemas vividos no país, além de também promover o governo e favorecer a cultura e identidade brasileira para além das suas fronteiras.

3.2 ARGENTINA E A COPA DO MUNDO DE 1978

Assim como no Brasil, o futebol na Argentina chegou por volta no final do século XIX e início do século XX, trazido por imigrantes europeus. E logo que adentrou a região platina, o futebol passou a ser papel fundamental para moldar os sentimentos de identidade da nação argentina (GIULIANOTTI, 2002; DRUMOND, 2013). A princípio, com a fundação da *Argentine Association Football League* em 1883, o futebol começou a ganhar força entre as classes mais altas, até que o esporte foi se espalhando pelos subúrbios e alcançando assim a massa popular. Nas *canchas* de Buenos Aires nascia um estilo único de futebol, a transformação do futebol inglês para o futebol com características argentinas (GALEANO, 2004; ALABARCES, 2002). Essa "*criolização*", como é chamada essa caracterização do futebol argentino, "foi instituída como reflexo das características genuínas de uma sociedade herdada de seus ancestrais europeus, mas moldada pelas condições do território. Este atributo se perpetuou no século XX como base da identidade argentina" (ROJO-LABAIEN, 2016, p.142, tradução nossa)¹⁴.

Com a popularização do esporte dentro das fronteiras nacionais, além da profissionalização do esporte e da fundação da Associação de Futebol Argentino (AFA), a recém formada seleção argentina passou a ganhar reconhecimento mundial, devido ao bom futebol apresentado nas competições, e pelo vice-campeonato na primeira Copa do Mundo em 1930 no Uruguai (CAON, 2021). Dada a popularização do futebol, tanto no cenário internacional quanto nacional, as elites políticas enxergaram o potencial que o futebol tinha para construir sentimentos nacionalistas. Não diferente de diversos governos mundo afora, como foi explorado no primeiro capítulo e na subseção anterior, a classe política argentina também passou a utilizá-lo como instrumento político.

¹⁴ Do Espanhol: "se instituyó como un reflejo de los rasgos genuinos de una sociedad heredada de sus antepasados europeos, pero moldeada por las condiciones propias del territorio. Ese atributo se perpetuó en el siglo XX como un bastión identitario argentino" (ROJO-LABAIEN, 2016, p.142,).

No início dos anos 1920, o esporte, mas em especial o futebol, teve uma relação íntima com os poderes políticos na Argentina. Agustín Pedro Justo, presidente argentino entre 1932 e 1938, demonstrou grande interesse pelo futebol apoiando presencialmente a seleção nacional durante a Copa do Mundo de 1934, na Itália, e nas Olimpíadas de 1936, em Berlim. Além disso, o presidente tinha fortes ligações com a AFA, nomeando seu genro a presidente em 1937. No entanto, as ligações com o esporte foram se fortalecendo durante o governo de Juan Domingo Perón (1945-1955). Perón, possuía uma imagem profundamente ligada aos esportes, reconhecido por ser um *sportman* exemplar, foi em seu governos que o futebol foi promovido como meio de integração nacional baseado na propaganda política e no controle das massas, por meio da dimensão patriótica do esporte unida ao populismo (DRUMOND, 2013).

O primeiro governo de Perón chega ao fim em 1955, após um golpe militar. A partir de então, a Argentina começa a viver um cenário político extremamente conturbado: de um lado, os peronistas, que tinham apoio de poucos oficiais das Forças Armadas; do outro, a oposição, conhecida por “radicais”, que contavam com o apoio da maior parte dos oficiais. Uma acirrada disputa política marcou a vida desses grupos no país até 1973, quando obtém-se um consenso e Perón retorna a assumir a presidência da Argentina. Perón retorna ao cargo com a tentativa de solucionar essas instabilidades políticas e encaminhar o país ao desenvolvimento (FRANCESCHI NETO, 2005). É interessante, que neste mesmo período, no meio esportivo essa instabilidade política também pode ser sentida, já que a seleção argentina foi eliminada no mundial de 1958 sem chegar às fases avançadas da competição, e tampouco conseguiu se classificar para a Copa do México em 1970 (CAON, 2021).

Ao retornar ao poder, Perón conseguiu apoio não só dos peronistas, como também dos opositores, os radicais. No entanto, nos três anos que se seguiram do seu segundo mandato, o presidente precisou lidar com desavenças dos atores políticos, e também com o terrorismo guerrilheiro, que ameaçava a estabilidade do seu governo. Devido a essa instabilidade interna, aos poucos os militares conquistaram espaço e ganharam poderes na medida em que dissiparam tais movimentos (FRANCESCHI NETO, 2005).

Entre tantas instabilidades políticas, em julho de 1974 faleceu Juan Domingo Perón, e sua esposa e vice, María Estela Martínez de Perón (popularmente conhecida como Isabel Perón) assumiu o cargo de presidente da Argentina. De acordo com Magalhães (2019), Isabel Perón não foi capaz de conter as distintas facções peronistas, os diversos grupos de esquerda e de direita, que logo começaram a enfrentar-se, gerando uma sensação de desgoverno na sociedade argentina, ampliando a crise política, econômica e social do país. Diante desta

situação, os militares conseguiram novamente o apoio das camadas civis para uma intervenção, reforçando a ideia de que eles eram os únicos capazes de restabelecer a ordem e por fim à crise. Portanto, é consenso que o golpe argentino foi resultado de um plano bem elaborado, e em março de 1976, a Junta Militar encabeçada pelo General Jorge Videla assumiu, através de um golpe, a Presidência da Argentina. (FRANCESCHI NETO, 2005; MAGALHÃES, 2019).

A vista disso, instaurou-se uma violenta ditadura militar na Argentina, regime que foi denominado, de forma eufemística, de *Proceso de Reorganización Nacional (PRN)*, o qual tinha por objetivo restabelecer a ordem social e reorganizar as instituições visando estabelecer condições para o retorno da democracia. Nesse período, o Congresso Nacional, a Suprema Corte foram dissolvidos, bem como os partidos políticos, e os meios de comunicação passaram a ser censurados (FRANCESCHI NETO, 2005; MAGALHÃES, 2019; CAON, 2021).

Os militares argentinos, portanto, assumiram o poder do país com o intuito de deter e punir quaisquer comportamentos desafiadores que surgissem dentro da sociedade argentina. Para os ditadores, qualquer crítica ao regime era considerada subversão, e aqueles que o praticassem sofriam perseguições, torturas, sequestro e morte. Foi nesse momento diante a supressão de tantos direitos, principalmente os direitos humanos, que surge uma importante organização de resistência em Buenos Aires, *Las madres de la plaza de mayo*¹⁵, que passam a ser reconhecidas internacionalmente na luta contra os crimes da ditadura. Para Sain (2002), o regime militar argentino caracterizou-se como um dos mais duros e sangrentos das ditaduras latino-americanas, já que:

A intensidade da repressão revela que o terrorismo de Estado não foi uma reação lógica e proporcional à ação da “subversão”. As características da máquina repressiva estatal e o número de vítimas desse sistema refletem a magnitude do genocídio produzido e demonstram que os objetivos do PRN iam mais além. Entre 1976 e 1979, foram dadas como desaparecidas cerca de 9 mil pessoas (identificadas). Outras 1.898 foram assassinadas, sendo seus cadáveres encontrados e identificados posteriormente, e calcula-se que entre 5 mil e 9 mil pessoas tenham desaparecido sem haver denúncia. Em suma, ao longo de toda a ditadura, houve na Argentina entre 16 mil e 21 mil pessoas mortas pela repressão processista (p. 22).

Banhada de sangue e envolvida em escândalos que corriam por dentro e fora das fronteiras da Argentina, a ditadura militar da argentina viu na Copa do Mundo de 1978, uma chance de reverter tal imagem, tanto internamente quanto internacionalmente

¹⁵ Conhecida como As mães da praça de maio, a organização argentina surgiu na época da ditadura, na qual mães buscam informações sobre seus filhos desaparecidos pela ditadura militar (MAGALHÃES, 2013).

(MEMÓRIAS..., 2012b). De acordo com Franco (2005) “A ditadura militar instaurada em 1976 tentou várias operações ideológicas visando a construção de consensos.[...] muito significativa — mas pelo seu sucesso — foi a Copa do Mundo de 1978”¹⁶ (p.30, tradução nossa). Diante de todo o caos político, econômico e social, se aproximava o ano da décima primeira Copa do Mundo da FIFA, e a Argentina seria o país-sede da competição, escolha que havia sido feita em 1966 e confirmada em 1974, na Copa do Mundo na Alemanha. Diante disso, vale ressaltar que a confirmação do mundial foi realizada durante o governo de Perón, e a escolha foi justificada pelo reconhecimento que o futebol argentino tinha no mundo (MAGALHÃES, 2019; AGOSTINO, 2002; CAON; 2021)..

Em 1974, após a confirmação da Argentina como país-sede, o objetivo de María Estela Martínez de Perón — presidente da Argentina em 1974 após a morte do marido — foi manter a organização, já que os governos de Perón sempre estiveram intrinsecamente ligados aos esportes. Com o golpe militar, e a ascensão das forças armadas ao poder, momentaneamente instaurou-se a dúvida sobre realocar o país-sede da Copa de 1978. Tamanha conturbação na Argentina, fez com que a FIFA solicitasse uma posição definitiva ao regime sobre a realização ou não do evento no país (FRANCESCHI NETO, 2005; MAGALHÃES, 2019). Em registros da FIFA datados de 1976, e analisados por Magalhães (2019), há uma carta do então chefe de Relações Públicas da FIFA, Renné Courtes, a um jornalista argentino logo após dois meses do golpe de Estado: “Vamos ver como mudam as coisas na Argentina. Aqui na FIFA nós temos o pressentimento geral de que, com a mudança para o governo militar, as coisas serão mais fáceis para a FIFA do que antes” (*apud* MAGALHÃES, 2019, p. 679). Apesar de muitas especulações e protestos, nenhuma mudança de planos ocorreu e a Argentina foi anunciada definitivamente como sede do evento. Como a Copa do Mundo de 1978 foi o primeiro evento organizado por João Havelange, desde sua chegada a FIFA em julho de 1974, acredita-se que o brasileiro estava muito empenhado em entregar uma competição sem qualquer problema perante a comunidade internacional (MAGALHÃES, 2019; CAON, 2021).

No entretanto, a Junta militar estava distante de apresentar resultados positivos sobre seu governo. Diferente do Brasil, a Argentina vivia um péssimo cenário econômico, com alta inflação e elevado desemprego. Além disso, a crise política e social inflavam o descontentamento nacional com o regime. Desse modo, a realização da Copa do Mundo em

¹⁶ Do espanhol: “La dictadura militar instaurada en 1976 intentó diversas operaciones ideológicas tendientes a la construcción de consenso. [...] muy significativa -pero por su éxito- fue el Campeonato Mundial de Fútbol de 1978” (FRANCO, 2005, p.30)

casa foi vista como uma oportunidade política, para demonstrar as qualidades do regime ao povo argentino, demonstrando a superação de processos internos, atrelando o simbolismo do futebol a questão da identidade nacional (BATISTA; DE SOUZA, 2021; FRANCESCHI NETO, 2005; CAON, 2021). Sabendo portanto que a FIFA não apresentava interesses de cancelar o evento sobre pretextos éticos, o regime aproveitou ao máximo para potencializar a competição para favorecer a imagem da Junta. E assim, a Copa do Mundo de 1978 tornou-se um projeto político militar, no qual o governo buscava por uma legitimação, uma oportunidade de melhorar a imagem tanto do Estado internacionalmente, como também do governo internamente. Além de fortalecer o sentimento de união entre a sociedade, buscavam consolidar a imagem de uma Argentina forte, unida e vencedora, o que seria uma maneira de sustentar o regime no poder (BATISTA; DE SOUZA, 2021; FRANCESCHI NETO, 2005; AGOSTINO, 2002).

Diante disso, o regime militar argentino buscou atrelar a realização do evento ao triunfo dos líderes militares. Foi assim que, em 1976, o regime iniciou os preparativos para a realização da Copa do Mundo, e portanto a interferência da Junta Militar passou a ser mais perceptível no futebol nacional. Buscando manter a organização do mundial nas mãos do governo militar, nomeou-se a presidente da AFA Alfredo Francisco Cantilo, um homem de confiança dos militares (MAGALHÃES, 2013). Além disso, diante de prazos tão curtos, e pressão da FIFA acerca das preparações para o evento, foi criado o EAM'78 (Ente Autárquico Mundial 78), “cujo principal objetivo era administrar as finanças, programar as obras de infraestrutura e planejar todos os eventos relacionados a este torneio”¹⁷ (ARGENTINA, 2018, p. 8, tradução nossa).

A EAM'78 não poupou gastos na organização do evento, estima-se que os gastos com o evento podem ter chegado a cerca de 700 milhões de dólares, valor que multiplicaria por sete ou oito vezes o planejado (ARGENTINA, 2018). Esses valores correspondem a cerca de 10% do orçamento anual do Estado, e foram designados para organizar a Copa do Mundo, além de construir a infraestrutura necessária para o evento, como estradas, hotéis e aeroportos, e também a instalação da primeira rede de Televisão em cores do país, a ATC (Argentina Televisora Color) (CAON, 2021; MAGALHÃES, 2013).. Diante disto, da organização e das obras de infraestrutura, fortalecia-se o discurso militar de que *quando querem, os argentinos*

¹⁷Do Espanhol: “cuyo objetivo principal era administrar las finanzas, programar las obras de infraestructura y diagramar todos los eventos vinculados a este torneo” (ARGENTINA, 2018, p.8).

podem, ou mostramos ao mundo que somos capazes, como bem argumentou o então presidente Jorge Rafael Videla:

Quando chegamos ao governo, fazia dois anos que a Argentina havia sido aceita como sede da Copa do Mundo. A verdade é que meus antecessores haviam se movimentado pouco, principalmente em obras de infraestrutura, onde o atraso era muito grande. Houve um debate no governo sobre fazê-lo ou não, mesmo ao nível da Junta Militar; no final, uma razão prevaleceu quase chulismo: mostrar ao mundo que éramos capazes de fazê-lo. Mas também a ideia de que naquela altura era positivo deslocar o público para um evento futebolístico de dimensão mundial, num país onde o que era positivo naquela altura era deslocar o público para um evento alcance global, em um país onde o futebol foi e ainda é tão importante. Poderíamos ter ganhos em termos de imagem. E embora essas obras causasse altos gastos, também haveria renda com a vinda de tanta gente para o país¹⁸ (REATO, 2012, p. 166, tradução nossa).

Com a aproximação do mundial, o regime produziu diversas propagandas nos meios de comunicação, além de convidar jornalistas e personalidades estrangeiras para visitar o país (MAGALHÃES, 2013; ARGENTINA, 2018). Foram investidos pesadamente em publicidades com frases e canções, que enfatizem o coletivo e a identidade nacional, como por exemplo “Veinticinco millones de Argentinos, jugaremos el Mundial”, conforme dizia a canção oficial do evento (CAON, 2021).

Outro ponto no qual utilizou-se o futebol, mais especificamente a Copa do Mundo de 1978, foi que a Argentina estava sendo alvo de intensas campanhas de denúncias de supressão dos direitos humanos no exterior. Vários países encaravam com repulsa e resistência à ideia de participar do evento e de indiretamente colaborar com as ações do governo, principalmente no que diz respeito à violação dos direitos humanos. Assim começam a surgir denúncias à Anistia Internacional contra a Argentina, e protestos contra a realização do Mundial de 1978. Foi então que foi formado o Comitê de Boicote à Copa do Mundo na Argentina (COBA). O movimento teve um alcance essencialmente europeu, mas sua origem e maior repercussão ocorreu na França, local no qual originou-se o COBA. Na França, a organização chegou a ter cerca de 200 comitês em todo o país e gerou um forte debate na esfera pública francesa (FRANCO, 2005; CAON, 2021). Rapidamente o movimento ganhou proporções mundiais, e foi uma importante ferramenta de denúncia do que ocorria na Argentina. Dirigentes do COBA

¹⁸Do Espanhol: “Cuando llegamos al gobierno, hacía dos años que se había aceptado a la Argentina como sede del Mundial. La verdad era que mis predecesores se habían movido poco, sobre todo en las obras de infraestructura, donde el atraso era muy grande. Hubo un debate en el gobierno sobre si había que hacerlo o no, incluso a nivel de la Junta Militar; al final primó una razón casi de cholulismo: demostrar al mundo que éramos capaces de hacerlo. Pero también la idea de que en ese momento era positivo mover al público hacia un evento futbolístico de alcance mundial, en un país donde el que en ese momento era positivo mover al público hacia un evento futbolístico de alcance mundial, en un país donde el fútbol era y sigue siendo tan importante. Podríamos tener ganancias en términos de imagen. Y si bien esas obras ocasionaban gastos elevados, habría también ingresos con la venida al país de tanta gente” (REATO, 2012, p.166).

redigiram um documento com informações compiladas pela Anistia Internacional, e distribuíram à imprensa reforçando as razões para o boicote, exigindo a mudança de sede do mundial ou a não participação da Seleção Francesa no torneio caso não fossem liberados os presos políticos e informados os paradeiros dos desaparecidos (AGOSTINO, 2002; MAGALHÃES, 2019; FRANCO, 2005).

Buscando reverter essa imagem externa negativa, e assim obter alguma legitimação, o governo argentino buscou mostrar uma imagem positiva do que se passava dentro do país. Os militares consideravam a campanha externa contra o país como uma subversão externa, resultado de um desconhecimento da realidade nacional por parte dos acusadores. Buscando contestar as denúncias do COBA, o regime convidou à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) para visitar o país e verificar as queixas, porém tal visita ocorreu somente após a realização do Mundial (MAGALHÃES, 2013). Além disso, o país garantiu à FIFA que não haveria qualquer tentativa de atentados durante a competição. Para isso, o então presidente Videla afirmou manter contatos com líderes da oposição para estabelecer uma trégua durante a Copa (AGOSTINO, 2002).

Entretanto, apesar da enorme mobilização internacional, a Copa do Mundo de 1978 foi realizada na Argentina. Todas as seleções classificadas para o mundial participaram do campeonato. Na abertura do mundial, celebrou-se de forma tipicamente militar e ufanista, com presença de diversas autoridades importantes, como o então presidente da Argentina Jorge Rafael Videla, o presidente da FIFA João Havelange e o então secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger (MAGALHÃES, 2013; CAON, 2021). Durante a solenidade no Estádio Monumental de Núñez, o então presidente da FIFA João Havelange declarou: “[...]finalmente o mundo pôde ver a verdadeira imagem da Argentina” (GALEANO, 2004, p. 254) e Henry Kissinger “Este país tem um grande futuro em todos os níveis.” (GALEANO, 2004, p. 254).

O mundial trouxe à Argentina um clima de euforia para grande parte do povo argentino. Entretanto, do outro lado, apesar da trégua anunciada pelo governo, a Copa do Mundo de 1978 foi rodeada de ações violentas por parte do regime militar argentino, com prisões, sequestro e tortura de ativistas políticos, bem como a eliminação de bairros populares, e a construção de muros que escondessem essas localidades da visão dos turistas (ARGENTINA, 2018). Isso demonstrava a manutenção da repressão social e a supressão de direitos humanos promovidos pelo regime desde que assumiu o poder (CAON, 2021). As tensões políticas aumentavam cada vez mais, e milhares de opositores foram torturados muito próximos de onde aconteciam os jogos do mundial. Diversos documentos oficiais argentinos

comprovam que ocorreram diversos casos de torturas a poucos metros do estádio da final do mundial:

A poucos milhares de metros do estádio onde seria disputada a final da Copa do Mundo, que levaria a Argentina ao seu primeiro campeonato, ficava um dos principais e mais emblemáticos centros clandestinos de detenção, tortura e extermínio: a Escola Mecânica da Marinha (ESMA). Estima-se que cerca de 5.000 reféns passaram por ali, no então Cassino dos Oficiais, a maioria desaparecida hoje. Outros gritos, nem de vitória nem de alegria, encheram todo o espaço sem serem ouvidos¹⁹ (ARGENTINA, 2018, p.13).

Por fim, a Copa do Mundo de 1978 terminou com o triunfo da seleção Argentina, e consequentemente do regime militar. Na partida final entre Argentina e Holanda, o placar terminou em 3x1 para os anfitriões, e assim os argentinos ergueram pela primeira vez o Troféu de Campeões da Copa do Mundo. A vitória gerou comoção nacional, e a população ganhou as ruas em comemoração, uma manifestação sem precedentes na história do país, (MAGALHÃES, 2013). Assim como aconteceu no Brasil, a esquerda argentina vivenciou durante o mundial o dilema de torcer ou não pela seleção nacional, já que a vitória no esporte era também uma vitória do regime. Sem dúvidas, o regime não deixou de associar o êxito esportivo ao seu próprio projeto, acreditando ter alcançado por meio do futebol alguns dos mais importantes objetivos: a imagem de uma nação vitoriosa projetada para o mundo inteiro, e a renovação do consenso dentro do país (CAON, 2021).

Após o fim do mundial, o legado deixado pela Copa foi principalmente a infraestrutura construída para o evento, principalmente na capital. Além de como já comentado, a renovação da imagem do governo argentino. Outro ponto importante a se comentar, é acerca da visita da CIDH à Argentina em 1979, a qual acabou resultando na denúncia formal do governo argentino por violação de Direitos Humanos perante a Organização dos Estados Americanos. Entretanto, com o passar dos anos, a insatisfação popular com o regime militar voltou a crescer, principalmente pelo péssimo desempenho econômico do país, bem como pelo crescimento de denúncias internacionais contra o governo da Argentina (MAGALHÃES, 2013).

Por fim, em 1983 é restaurada a democracia na Argentina, e a memória da conquista da Copa de 1978 ganha uma conotação negativa. Considerado uma vergonha para o país, o mundial passou a ser associado diretamente à ditadura, jogadores e treinadores foram

¹⁹ Do Espanhol: “A escasos mil metros del estadio adonde se disputaría la final del Mundial de Fútbol, que llevaría a la Argentina a obtener su primer campeonato, se encontraba uno de los principales y más emblemáticos centros clandestinos de detención, tortura y exterminio: la Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA). Se estima que por allí, en el entonces Casino de Oficiales, pasaron aproximadamente 5000 secuestrados, la mayoría de ellos desaparecidos al día de hoy. Otros gritos, no de victoria ni de alegría, colmaban todo el espacio sin poder ser escuchados” (ARGENTINA, 2018, p.13).

cobrados a explicar o desempenho no mundial, e afirmaram que assim como a população não tinham conhecimento do que estava acontecendo no país, e independente do regime jogaram para o povo (MAGALHÃES, 2013). Rene Houseman, ponta direita da seleção argentina em 1978, afirma no documentário Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor (2012b), que jogou pelo país e não pela ditadura, e que se soubesse o que se passava no país, não teria jogado o mundial. De certo modo, os jogadores também fizeram parte de um povo que preferia seguir a lógica da inocência (CAON, 2021). Desse modo, é evidente que a Copa do Mundo de 1978 teve papel fundamental para a política interna e externa da Argentina antes, durante e após o evento, e até hoje reverbera dentro da memória e da história do povo argentino.

4 CONCLUSÃO

Ao longo do que foi apresentado neste trabalho, é perceptível que o futebol está longe de ser apolítico. Desse modo, é questionável o fato de esse ainda ser pouco estudado pelas Relações Internacionais, mesmo que nos últimos anos esse cenário venha mudando e mais estudos estejam surgindo. De toda forma, este trabalho permitiu-nos apresentar como o futebol, um grande formador e consolidador de identidade nacional, passou a ser vislumbrado como aparato político, já que esse possui como uma de suas singularidades o poder de massificação da cultura popular e da identificação nacional, e de que forma passou a ser explorado pelo regimes autoritários, como foram o caso do Brasil e da Argentina, apresentados no segundo capítulo deste estudo.

Buscando ter instrumentos para analisar a utilização política do futebol durante as ditaduras militares brasileira e argentina, foi necessário compreender os vínculos do futebol com as Relações Internacionais. Para isso, fez-se necessário analisar as relações entre o esporte e o nacionalismo, de modo que foi possível perceber que o futebol é uma das práticas mais importantes para a invenção das tradições sociais e políticas, ao ponto de construir e fortalecer a identificação nacional. Além disso, buscando entender a utilização do esporte para a política externa, a avaliação da diplomacia e do *soft power* foi necessária para a compreensão que competições esportivas internacionais são eventos importantes para o teste e prática da diplomacia, além de promoverem prestígio e reconhecimento internacional.

A partir dos conhecimentos explorados a respeito do universo do futebol e das relações de poder envolvidas, desenvolveu-se a essência deste trabalho, sendo essa a utilização desse esporte e das Copas do Mundo FIFA como ferramenta política das ditaduras militares do Brasil e da Argentina.

Pode ser visto durante a revisão bibliográfica proposta neste trabalho, que ao longo do século XX, o desenvolvimento das Copas do Mundo FIFA como principal evento futebolístico internacional, fez com que as seleções nacionais brasileira e argentina adquirissem um papel fundamental na sociedade. Desse modo, vencer uma Copa do Mundo tinha - e continua tendo - um valor simbólico que vai além da celebração esportiva, e envolve a visão que o povo tem sobre sua identidade nacional. Por isso, sabendo do potencial de influência social, percebeu-se também que os governos militares buscaram no esporte relacionar positivamente sua imagem e construir a partir da identificação nacional, uma identificação positiva com o regime.

Um dos pontos interessantes ao analisar a relações entre futebol, Copa do Mundo e política com Relações Internacionais é notar que Estados almejam alcançar através da

organização ou participação de eventos esportivos demonstrar e promover seus valores e imagem perante o sistema internacional, ou seja, gerando *soft power*.

No caso brasileiro, percebe-se que a participação e vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo 1970 reverberou tanto internamente na promoção da década de ouro, como também no imaginário internacional, no qual o país passou a ser reconhecido como o país do futebol. Tudo isso conseguiu criar uma cortina de fumaça para todas as supressões de direitos que o regime cometia dentro das fronteiras do país. Já a Copa do Mundo de 1978, sediada e vencida pela Argentina, foi uma maneira da Junta Militar argentina angariar pontos positivos para seu governo, já que a situação econômica não ia bem, e as questões sociais estavam cada vez mais complicadas. Diferente do que acontecia no Brasil, a Argentina passava por uma alta inflação e grande desemprego, além de estar sendo denunciada constantemente no meio internacional por violação dos direitos humanos. Com isso, notou-se neste estudo que sediar o mundial foi uma forma na qual o regime encontrou de conquistar o povo argentino e mostrar ao mundo uma visão de Argentina, para além das torturas.

Visto isso, é inevitável que sejam feitas algumas comparações entre a utilização do futebol como instrumento político pelo Brasil e pela Argentina. Ambas vivem momentos distintos do regime, porém viram no futebol uma forma de promoção positiva de sua imagem, tanto internamente quanto externamente. O Brasil, diferente da Argentina, não sediou o evento, mas os esforços de Médici fizeram com que o espetáculo chegasse a casa de muitos brasileiros. De modo geral, percebeu-se que ambas alcançaram seus objetivos na promoção positiva do regime para sua população e para o meio internacional. A Argentina em particular colheu consequências negativas mais rapidamente, que foi a visita e denúncia formal de violação de direitos humanos pela CIDH à OEA. Além disso, percebe-se que a manutenção da história desse período ocorre de formas diferentes entre as duas nações, é perceptível que a memória argentina da Copa do Mundo de 1978 e sua instrumentalização por parte da Junta Militar é reconhecida e recordada pelos cidadãos do país. No entanto, no Brasil a Copa de 1970 não é lembrada, a princípio, como um instrumento político do regime militar, mas é vividamente lembrada apenas como a vitória do tricampeonato.

Por fim, este estudo tentou desmistificar a máxima popular de que *“futebol e política não se misturam”*, e apresentou através de revisões bibliográficas de historiadores brasileiros e argentinos, que há uma ligação íntima entre o esporte e a política interna e externa de Brasil e Argentina durante as décadas de 60 e 80. Todavia, acredita-se que seria de grande adição a este estudo e aprofundamento da análise da chegada do futebol à América do Sul. Além disso, seria de grande contribuição para esta temática uma ampliação da análise da participação do

Brasil e Argentina nas Copas do Mundo que precederam os mundiais de 1970 e 1978, bem como a ampliação do estudo para os casos das demais ditaduras da região Sul-americana, como Chile e Uruguai, que possuem grande ligação com o futebol. E até mesmo a análise de outras edições da Copa do Mundo FIFA que apresentaram fortes ligações com a instrumentalização política do mundial.

Diante de tudo exposto, o futuro do futebol como grande influenciador da política governamental permanece em aberto, e ganhando cada vez mais importância no mundo globalizado. O poder do futebol para a união nacional e social, e suas implicações políticas nos cenários nacionais e internacionais comprovam que o esporte não deve ser desprezado pela academia de Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2002.
- ALABARCES, Pablo. Fútbol y Pátria: El Fútbol y las Narrativas de la Nación en Argentina. 1 ed. Buenos Aires: Prometeo, 2002. 227p
- ALLISON, Lincoln; MONNINGTON, Terry. “Sport, Prestige and International Relations”. **Government and Opposition**, v.37, n.1, p. 106-134, 2002.
- AMAZARRAY, Igor Chagas. Futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:
<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40288/000827664.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20 maio 2022.
- ARGENTINA. Ministerio de Justicia y Derechos Humanos. Archivo Nacional de la Memoria. **Dictadura, deporte y memoria**. Buenos Aires, 2018. Disponível em:
<https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/anm_-_dictadura_deporte_y_memoria.pdf> Acesso em: 10 maio 2022.
- BACHEGA, Hugo. Jules Rimet, a taça da Copa que foi roubada duas vezes. **BBC News**. 7 maio 2014. Disponível em:
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140422_sp_jules_rimet_taca_hb. Acesso em: 3 jul. 2022.
- BATISTA, Ian Rebouças; DE SOUZA, Laryssa R. Vidal A. Sobre chuteiras e coturnos: Futebol como instrumento de soft power de regimes autoritários na Argentina, Brasil e Chile. **Relaciones Internacionales**, Madrid, v. 30, p. 83-104, out, 2021. Disponível em:
<<https://revistas.unlp.edu.ar/RRII-IRI/article/view/9716/11974>> Acesso em: 05 abr. 2022
- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. São Paulo: Editora UNB - Imprensa Oficial: 2004.
- BRASIL. Ato Institucional n. 1, de 9 de abril de 1964. Brasília, DF, abr. 1964. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-01-64.htm> Acesso em: 05 jun. 2022.
- BRASIL. Ato Institucional n. 2, de 27 de outubro de 1965. Brasília, DF, 1968. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-02-65.htm> Acesso em: 05 jun. 2022.
- BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Na praça do povo - discurso pronunciado no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo**. Brasília, 1970a. Disponível em:
<<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/03/view>> Acesso em: 10 maio 2022.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Valor do homem brasileiro - mensagem do Presidente Médici ao povo brasileiro, quando na vitória da Seleção no campeonato Mundial de Futebol**. Brasília, 1970b. Disponível em:

<<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/16/view>> Acesso em: 10 maio 2022.

BRASIL. Decreto de Lei nº 314, de 13 de março de 1967. Brasília, DF, 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988> Acesso em: 05 jun. 2022.

CANETTI, Thiago. A importância do futebol como instrumento de geopolítica internacional. *Revista de Geopolítica*. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 116-128, 2010. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/16>> Acesso em: 15 abr. 2022.

CAON, Isabelle Fernandes. **O Futebol como instrumento político: um estudo comparativo entre as ditaduras militares da Argentina, do Brasil, e do Uruguai**. 2021. 97 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231481>> Acesso em: 05 abr. 2022.

DRUMOND, Maurício. **Nações em Jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

ESPN. Há 49 anos, a CBF também criou comissão para salvar a seleção; não deu certo.

ESPN, Online, 7 jul. 2015. Disponível em:

<http://www.espn.com.br/noticia/525062_ha-49-anos-cbf-tambem-criou-comissao-para-salvar-selecao-nao-deu-certo>. Acesso em: 10 maio 2022.

FIFA - Federação Internacional de Futebol. Member Associations. 2022. Disponível em: <<https://www.fifa.com/about-fifa/associations>> Acesso em: 10 Mar 2022.

FIGOLS, Victor de Leonardo. Futebol e Política: O futebol resiste!. *Ludopédio*, São Paulo, v. 83, n. 2, 2016a. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquivancada/futebol-e-politica-o-futebol-resiste/>> Acesso em: 15 abr. 2022.

FIGOLS, Victor de Leonardo. Futebol e Política: Os fascistas querem a bola. *Ludopédio*, São Paulo, v. 82, n. 3, 2016b. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquivancada/futebol-e-politica-os-fascistas-querem-a-bola/>> Acesso em: 15 abr. 2022.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRAGA, Gerson Wasen. "A Derrota do Jeca" na Imprensa Brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na copa do mundo de 1950. 2009. 398 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Ufrgs, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3O7U0BJ>> Acesso em: 20 maio 2022.

FRANCESCHI NETO, Virgílio. O papel do futebol na promoção dos regimes militares do Brasil e da Argentina. 2005. 90 f. Monografia (Relações Internacionais) - Pontifícia

Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/biblioteca/o-papel-do-futebol-na-promocao-dos-regimes-militares-d-o-brasil-e-da-argentina/>> Acesso em: 10 maio 2022.

FRANCO, Marina. “Derechos humanos, política y fútbol”. *Entrepasado*. Buenos Aires. v.XIV, n.28. 2005. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/301063011.pdf>> Acesso em: 10 maio 2022.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: LP&M, 2004.

GARCIA, Fernanda Machado. *Esporte como instrumento de soft power: o futebol brasileiro*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158275/Monografia%20da%20Fernanda%20Garcia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 15 maio 2022.

GIFT, Thomas; MINER, Andrew. “DROPPING THE BALL”: The Understudied Nexus of Sports and Politics. *World Affairs*, Londres, v. 1, ed. 1, p. 127-161, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0043820017715569>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol*. 1. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 199. 248p.

GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge. 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 436p.

GONÇALVES, Lucas Toledo. Futebol e ditadura militar no Brasil: o episódio brasileiro da série Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor. **Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 178-181, jan-abr 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/86010113-Futebol-e-ditadura-militar-no-brasil-o-episodio-brasileiro-da-serie-memorias-do-chumbo-o-futebol-nos-tempos-do-condor.html>. Acesso em: 3 maio 2022.

GRIX, Jonathan; LEE, Donna. *Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction*. *Global Society*, v. 27, n. 4, 2013.

HOBBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KRÜGER, Arnd. *The International Politics of Sports in the Twenty Century*. 1. ed. Londres: E & FN Spon, 1999. 253 p.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. A Copa do Mundo da ditadura ou da resistência? Comemorações e disputas de memórias sobre a Argentina de 1978. *Estud. hist. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 675-694, Dez. 2019. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/79746/77083>> . Acesso em: 10 maio 2022.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, copa do mundo e ditadura no brasil e na argentina. 2013. 221 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Los campeones del Río de la Plata: Fútbol y dictadura en Argentina y Uruguay, *Hispania Nova*, v. 17, p. 470-493. 2019a

MEMÓRIAS do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor: Argentina. Diretor-geral: German Hartenstein. Reportagem e roteiro: Lúcio de Castro. Brasil: ESPN, 2012b (54min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cCb_UjiskbA. Acesso em: 05 jun. 2022.

MEMÓRIAS do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor: Brasil. Diretor-geral: German Hartenstein. Reportagem e roteiro: Lúcio de Castro. Brasil: ESPN, 2012a. (54min). Disponível em: <https://bit.ly/2jMh39g>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MURRAY, Stuart. Moving beyond the Ping-Pong table:: sports diplomacy in the modern diplomatic environment. **Public Diplomacy Magazine**, California, v. 1, ed. 1, p. 12-16, 2013. Disponível em: <https://research.bond.edu.au/en/publications/moving-beyond-the-ping-pong-table-sports-diplo-macy-in-the-modern->. Acesso em: 15 abr. 2022.

MURRAY, Stuart. The Two Halves of Sports-Diplomacy. **Diplomacy & Statecraft**, Londres, v. 1, ed. 1, p. 576-592, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09592296.2012.706544>. Acesso em: 15 maio 2022.

NYE, Joseph S. *The Future of Power*. New York: PublicAffairs, 2011.

NYE Jr., Joseph S. **Soft Power**: The Means to Success in World Politics. New York: Public Affairs, 2004.

O DIA Que Durou 21 Anos. Direção: Camilo Tavares. Produção: Karla Ladeia. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ajnWz4d1P4>. Acesso em: 10 maio 2022.

OLIVEIRA, Eduardo Neves Faria de. As Relações Internacionais e o Futebol como Diplomacia da Paz. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília. Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/11372/1/2015_EduardoNevesFariadeOliveira.pdf> Acesso em: 05 jun. 2022.

OLIVEIRA, Lucas Santos. **Esporte e Relações Internacionais**: megaeventos esportivos e poder brando. Orientador: Henrique Carlos de Oliveira de Castro. 2014. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116352/000963699.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 maio 2022.

ONU - Organização das Nações Unidas. Growth in United Nations membership (2022). Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/growth-in-un-membership>> Acesso em: 10 Mar 2022.

- PAULINO, Luís Antônio. Megaeventos Esportivos e Diplomacia Pública. **Princípios**, São Paulo, v. 1, n. 127, p.24-29, nov. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115216/ISSN14157888-2013-127-24-29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 maio. 2022.
- PIZARRO, Juliano Oliveira. FIFA E O SOFT POWER DO FUTEBOL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **Record**, Rio de Janeiro, v. 10, ed. 2, p. 1-19, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/viewFile/14337/9603>. Acesso em: 30 maio 2022.
- REATO, Ceferino. *Disposición final. La confesión de Videla sobre los desaparecidos*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012.
- RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Disponível em: <<https://bit.ly/3xIPXqm>> Acesso em: 05 jun. 2022.
- ROJO-LABAIEN, Ekain. Fútbol y patriotismo en América del Sur: entre la élite y la sociedad civil. *Anduli*, [S.L.], n. 15, p. 139-156, 2016. Editorial Universidad de Sevilla. Disponível em: <<https://revistascientificas.us.es/index.php/anduli/article/view/3760/3286>> Acesso em: 5 maio 2022.
- SAIN, Marcelo Fabián. Argentina: Democracia e Forças Armadas - entre a subordinação militar e os "defeitos" civis. In: D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (org.). *Democracia e Forças Armadas no Cone Sul*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 21-55.
- SANTOS, Daniel de Araújo dos. Futebol e Política: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3mEvWe0>> Acesso em: 20 maio 2022.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 608p.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 512p.
- SOUZA, Rodrigo Lorrany Vitoria Araújo Lourenço de Souza; KARLS, Cleber Eduardo. O impacto das vitórias de Jesse Owens nas olimpíadas de 1936 na Alemanha nazista. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 7, n. 3, p. 110-130, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/view/1370/1240>. Acesso em: 5 maio 2022.
- TRAMARIM, Eduardo. Jânio Quadros renuncia. Começa o parlamentarismo. **CÂMARA DOS DEPUTADOS: RÁDIO CÂMARA, ONLINE**, 2007. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/279426-janio-quadros-renuncia-comeca-o-parlamentarismo/>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- TAMMARO, Rodrigo. Nacionalismo em campo: o uso político da bola. **Jornalismo Júnior**, São Paulo, p. -, 19 abr. 2021. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/nacionalismo-em-campo-o-uso-politico-da-bola/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

TRUNKOS, Judit; HEERE, Bob. Sport Diplomacy: A Review of How Sports Can be Used to Improve International Relations. In: ESHERICK, Craig et al. **Case Studies in Sport Diplomacy**. 1. ed. Morgantown: FiT Publishing, 2017. cap. 1, p. 1-19. Disponível em: <https://www.eusportdiplomacy.info/files/2-sport-diplomacy-in-international-relatio.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, Poder e Relações Internacionais. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. 267 p. Disponível em:< <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-47>>. Acesso em: 5 maio 2022.